

Universidade de Évora

**Mestrado em Ensino de Educação Física nos
Ensinos Básico e Secundário**



Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por *João Válter Pinto Martins*, no Agrupamento de Escolas nº 1 da Malagueira e Escola Secundária André de Gouveia, para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Mestre Mário Teixeira

Professor Estagiário: João Válter Pinto Martins

2009/2010

Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada realizado por *João Válter Pinto Martins*, no Agrupamento de Escolas nº 1 da Malagueira e Escola Secundária André de Gouveia, para a especialidade do grau de mestre em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Orientador: Mestre Mário Teixeira

Professor Estagiário: João Válter Pinto Martins

185378

2009/2010

Resumo

A Educação Física e o Desporto assumem hoje uma importância crescente no contexto nacional, reflexo de um acentuado aumento da investigação científica, que coloca como imprescindíveis os benefícios da actividade física, tanto ao nível do sistema escolar, como desportivo ou social.

O objectivo deste relatório é descrever a evolução do estágio efectuado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada. Este estágio teve início no mês de Outubro de 2009, tendo terminado no final deste mesmo ano lectivo. De forma a proporcionar o contacto com diversos Ciclos de ensino, este estágio decorreu em dois estabelecimentos de ensino, nomeadamente, a Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira (EBIJIM) e na Escola Secundária André de Gouveia (ESAG), ambas na cidade de Évora. Sendo assim, leccionei a duas turmas do 1.º Ciclo, uma do 2.º Ciclo, uma do 3.º Ciclo e ainda a uma do secundário.

O estágio correu de uma forma bastante positiva, tendo sido alcançados todos os objectivos inicialmente propostos. É de salientar, a mais-valia que este estágio pedagógico representa na minha formação profissional.

Palavras-chave: Educação Física, estágio, ensino.

Report of Supervised Teaching Practice conducted by *João Válder Pinto Martins*, in Group of School No. 1 of Malagueira and Secondary School of André de Gouveia, for the specialty master's degree in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Schools.

Abstract

Physical Education and Sport today assume a growing importance in the national context, reflecting a accentuated increase in scientific research, which puts as the essential benefits of physical activity, such in the school system, such as sporting or social.

The purpose of this report is to describe the entire evolution of the teaching in the discipline of Prática de Ensino Supervisionada. This stage began in October 2009, ending at the end of that academic year. In order to provide contact with different education levels, this stage took place in two schools, namely the Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira (EBIJIM) e na Escola Secundária André de Gouveia (ESAG), both in the city of Évora. So, I taught two classes in 1st cycle, one of the 2nd cycle, one of the 3rd cycle, and one of secondary education.

The stage occurred in the very positive way, having achieved all the objectives initially proposed. It should be noted, the added value that represents teaching practice in my professional formation.

Key Words: Physical Education, training, teaching.

Índice

	Pág.
<i>Resumo</i>	2
<i>Abstract</i>	3
1. Introdução	7
2. Preparação Científica, Pedagógica e Didáctica	8
2.1. Conhecimento do Currículo	8
2.2. Conhecimento dos Conteúdos	9
2.3. Conhecimento dos Alunos	10
3. Planificação, Condução de Aulas e Avaliação de Aprendizagens	13
3.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino	14
3.2. Preparação das Aulas	16
3.3. Condução das Aulas	18
3.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos	20
4. Análise da Prática de Ensino	25
4.1. Importância da Observação na Formação	27
5. Participação na Escola e na Comunidade	28
6. Desenvolvimento Profissional	35
7. Conclusão	39
8. Referências Bibliográficas	42
9. Anexos	45

Abreviaturas

BTT – Bicicletas Todo-o-Terreno.

DEB-ME – Departamento de Educação Básica - Ministério da Educação.

EBIJIM – Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira.

EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica.

ESAG – Escola Secundária André de Gouveia.

PES – Prática de Ensino Supervisionada.

PNEF – Plano Nacional de Educação Física.

1. INTRODUÇÃO

Este relatório de estágio surge no âmbito da disciplina de Prática de Ensino Supervisionada (PES), do curso de Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, da Universidade de Évora (UE). Este estágio decorreu na Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira (EBIJIM) e na Escola Secundária André de Gouveia (ESAG), ambas na cidade de Évora.

Este relatório tem como principal objectivo descrever as actividades realizadas pelo professor estagiário, pretendendo realizar-se uma introspecção acerca do trabalho efectuado, identificando e enumerando tanto os aspectos positivos como os negativos, permitindo assim, tornar futuras prestações mais eficazes, bem como fornecer algumas sugestões para, se possível, melhorar o funcionamento da PES em anos futuros.

No início do presente relatório torna-se importante referir a existência de um núcleo de estágio, em ambas as escolas, composto por três alunos da UE, João Martins, João Roque e Rui Violinha, o Orientador representante da Universidade de Évora, Professor Mário Teixeira e por fim, os orientadores cooperantes de cada uma das escolas, Professor José Salvador Soares (ESAG) e Professor Pedro Mira (EBIJIM).

O presente documento encontra-se dividido, essencialmente, em cinco grandes áreas de actividades propostas pelo “Guião para Elaboração do Relatório”, fornecido pelos responsáveis da disciplina, estando estruturado da seguinte forma: após uma breve introdução é abordado o tema da preparação científica, didáctica e pedagógica, seguindo-se a planificação, a condução de aulas e avaliação das aprendizagens. Posteriormente, podemos encontrar a análise da prática de ensino, a participação na escola e na comunidade e o desenvolvimento profissional. Por último, será feita uma breve conclusão.

2. PREPARAÇÃO CIENTÍFICA, PEDAGÓGICA E DIDÁCTICA

Este capítulo do relatório compreende três grandes competências profissionais da prática docente, sendo elas, o conhecimento do currículo, conhecimento do conteúdo e o conhecimento dos alunos.

Ao longo do estágio, leccionei aulas a quatro turmas. Uma turma do 6.º ano da EBIJIM e uma do 11.º ano da ESAG foram acompanhadas ao longo de todo o estágio, contudo, esta última foi partilhada com os meus colegas de núcleo; por fim, acompanhei duas turmas de 1.º Ciclo da EBIJIM (uma do 2.º ano e uma do 3.º), tendo leccionado quatro aulas a cada uma das turmas.

2.1. Conhecimento do Currículo

Comecei por efectuar um estudo prévio sobre a composição de cada um dos Planos Nacionais de Educação Física (PNEF) para cada Ciclo de ensino, de forma a obter um conhecimento sustentado dos conteúdos abordados ao longo do estágio (DGEBS-ME, 1993; DEB-ME, 1998; DEB-ME, 2001; Jacinto *et al.*, 2001).

Para uma correcta leccionação nos diferentes Ciclos é fundamental ter a noção do papel que a actividade física tem no desenvolvimento global do aluno. Relativamente ao 1.º Ciclo, este encontra-se dividido, sendo que nos dois primeiros anos de escolaridade pretende-se que o aluno desenvolva capacidades de perícia, deslocamento, manipulação e equilíbrio através de actividades lúdicas e expressivas. Esta primeira abordagem confere aos alunos a base necessária, no momento oportuno, para aprendizagens mais complexas, requeridas pelos objectivos dos anos que se seguem (3.º e 4.º anos). Nesta segunda fase, pretende-se que o aluno tenha um primeiro contacto com as mais variadas modalidades desportivas, mas sempre com uma vertente lúdica associada. Em suma, no final deste 1.º Ciclo de escolaridade pretende-se que o aluno desenvolva as suas capacidades

motoras, nomeadamente, a nível postural, manipulativo e locomotor (DEB-ME, 1998; DEB-ME, 2003; Carvalho, 1994).

A partir do 1.º Ciclo, o objectivo é que os alunos tenham contacto com as diversas modalidades desportivas, aperfeiçoando os vários gestos técnicos, regras e capacidades motoras inerentes a cada modalidade. É de salientar que a cada Ciclo está associado um conjunto de matérias nucleares que deverão ser abordadas com mais ênfase, não devendo, no entanto, menosprezar as restantes modalidades desportivas, para que desta forma os alunos passem por um maior número possível de experiências a nível motor.

É de referir também a organização e elaboração de actividades extra-curriculares, nomeadamente o Peddy-Papper na EBIJIM e um passeio de BTT na ESAG. Apesar de estas actividades não virem nos currículos nacionais de Educação Física, o núcleo de estágio optou por realizá-las de forma a servirem de complemento aos PNEF.

2.2. Conhecimento dos Conteúdos

As opções tomadas relativamente às matérias que deverão ser abordadas ao longo do ano lectivo deverão ter como base de sustentação as especificidades de cada turma, os recursos materiais que cada escola oferece e os resultados da avaliação inicial. Uma vez que o planeamento anual, segundo o quadro das orientações estratégicas gerais do grupo, deve ser elaborado com base nas conclusões dessa avaliação inicial (Rosado, s/d).

Relativamente a este ponto, e começando pelo 1.º Ciclo, parece-me pertinente salientar o facto de apenas ter leccionado quatro aulas a uma turma de 2.º Ano e outras tantas a uma turma do 3.º Ano. Assim sendo, torna-se evidente a escassez de tempo necessário para abordar todos os temas requeridos neste nível de ensino, tais como: deslocamentos, equilíbrios, perícias, manipulações,

desenvolvimento das capacidades condicionais e coordenativas, jogos lúdicos e jogos de introdução às diferentes modalidades. Neste sentido, tentei leccionar aulas com temas sempre diferentes, de forma a passar por um maior número de experiências possíveis, registando deste modo, a reacção dos alunos a cada um dos temas abordados (DEB-ME, 1998; DGEBS-ME, 1993).

Por sua vez, nas turmas do 2.º Ciclo e do secundário, que acompanhei durante todo o ano lectivo, a escolha das matérias foi um pouco diferente. Na turma do secundário, a escolha das matérias foi feita em conjunto com os meus colegas de estágio e com o Professor Orientador de Escola, o Professor José Soares. Aqui, ficou decidido que cada um iria abordar determinadas matérias (escolhidas pelo professor orientador), que no meu caso foi Ginástica Acrobática, Ginástica no solo, Andebol, Futebol e Basquetebol. Estas matérias foram abordadas durante o 2.º Período (aproximadamente um mês) e durante o 3.º Período (três semanas).

No caso da turma de 2.º Ciclo, foi completamente diferente. Partindo do conhecimento adquirido através dos Programas Nacionais de Educação Física, foi feita uma avaliação inicial (diagnóstico) aos alunos, sendo a partir dessa mesma avaliação inicial que escolhi, em conjunto com o professor orientador, quais as modalidades a serem abordadas durante o restante ano lectivo, e aquelas que seriam alvo de uma maior ou menor atenção. Logicamente que as modalidades em que os alunos demonstraram maiores dificuldades, foram as mais abordadas ao longo do ano, acontecendo exactamente o contrário com as modalidades em que a turma mostrou um nível mais elevado de aprendizagem.

2.3. Conhecimento dos Alunos

Este tipo de estudo permitiu analisar as minhas turmas de uma forma um pouco mais profunda. Tendo-se constituído como uma fonte de grande importância na selecção de estratégias específicas de trabalho para cada turma. Saber com quem trabalhamos é saber estabelecer um ensino mais

correcto e mais individualizado, que permitirá alcançar o meu objectivo primordial – sucesso no acto pedagógico. Assim, conhecendo o contexto escolar e compreendendo o contexto familiar, posso caracterizar os alunos, seleccionando estratégias pedagógicas adequadas ao objecto de estudo – a turma.

O conhecimento de aspectos relativos à caracterização biográfica dos alunos (dados relativos ao agregado familiar, habitação, tempos livres, vida escolar e vida profissional futura), podem facilitar a minha actuação enquanto professor. Para um melhor conhecimento do que anteriormente foi dito utilizei um questionário, elaborado pelo meu núcleo de estágio, que foi distribuído por cada elemento das duas turmas. Questionário esse que analisei ao pormenor, organizando a informação, elaborando alguns gráficos, de forma a facilitar a consulta e compreensão desses mesmos dados. Embora a realização deste estudo tenha requerido um grande esforço e empenho pessoal, a sua elaboração foi motivante, pois permitiu-me conhecer um pouco mais dos meus alunos quer a nível individual, quer a nível colectivo. A caracterização das turmas às quais tive a oportunidade de leccionar durante todo o ano (6.º ano e 11.º ano), foram obviamente mais completas. Nas restantes turmas (2.º ano e 3.º ano) fiz uma caracterização mais curta, tal como a minha intervenção pedagógica.

O 6.º ano é uma turma do 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira, do ano lectivo 2009/2010. A turma era constituída por 26 alunos, sendo 14 do sexo feminino e 12 do sexo masculino, sendo que a direcção desta turma esteve entregue à professora Fernanda Afonso Alves. O questionário aplicado era constituído por questões abertas e fechadas, e encontrava-se dividido em vários pontos, que serão apresentados no Anexo I na forma de gráficos.

No caso das turmas de 1.º Ciclo, não elaborei uma caracterização tão pormenorizada, restringindo-me aquilo que pensei ser essencial, ou seja, as informações mais proeminentes. Começando com a turma do 2.º ano, da

Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira, esta turma tinha como professora titular a Professora Isabel Maria Silvestre Pires Gomes. Esta era uma turma constituída por 23 alunos, sendo 12 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Os alunos, no geral, revelaram interesse e empenho, e formam um grupo muito participativo e empenhado nas aprendizagens a realizar. Ao nível do comportamento, são crianças muito faladoras e participativas que continuam a revelar dificuldades na aceitação e cumprimento das regras acordadas, algo que não tive tempo para trabalhar, por a minha intervenção ter sido demasiado curta. Os alunos precisam de interiorizar as regras, para poderem trabalhar com atenção e concentração, de forma a poderem ter sucesso na realização das suas aprendizagens. Da turma faz parte uma aluna com Necessidades Educativas Especiais, portadora de Trissomia 21.

A outra turma à qual tive oportunidade de leccionar foi a turma do 3.º Ano, do 1.º Ciclo do Ensino Básico, também ela da Escola Básica Integrada com Jardim de Infância da Malagueira. A turma era constituída por 24 alunos, 14 rapazes e 10 raparigas. Nesta turma existiam dezoito alunos com 8 anos, cinco alunos com 9 anos e uma aluna com 10 anos. É uma turma heterogénea e com ritmos e modos de aprendizagem muito diversificados. Há uma aluna no 3ºAno, pela segunda vez, e há um aluno no 2.º ano, pela segunda vez. Este aluno já era desta turma, no ano lectivo transacto, e encontrava-se integrado num Regime Educativo Especial. Um aluno encontrava-se a ser seguido, na consulta de Psicologia, no Centro de Psiquiatria e Saúde Mental do Hospital do Espírito Santo de Évora. Há outro aluno que também foi encaminhado para mesma consulta, pela professora titular de turma, no ano lectivo transacto, e que necessita urgentemente de Terapia da Fala, mas que ainda não a conseguiu, nem na escola, nem no referido Centro, apesar dos esforços levados a cabo pela professora titular.

Em suma, posso dizer que as caracterizações feitas às diferentes turmas nas quais leccionei foram deveras importantes, na medida em que me permitiram

obter um maior e melhor conhecimento sobre as mesmas. Este conhecimento revelou-se fundamental no que se refere à abordagem levada a cabo aos diferentes alunos.

Neste ponto, é importante salientar as diferenças a nível motor que as duas turmas, leccionadas com maior frequência (6.º e 11.º), apresentavam. Sendo que os alunos do 11.º ano manifestavam, a nível geral, maiores dificuldades em termos motores. Para tentar contrariar esta situação, tentei, nas minhas aulas, realizar actividades que os levasse à superação, de forma a perderem o receio relativamente a algumas modalidades, como por exemplo, as modalidades de ginástica. Em contrapartida, os alunos do 6.º ano mostravam uma enorme pré-disposição para a actividade física, sendo necessário, da minha parte, encontrar soluções para que utilizassem essa energia de uma forma adequada. Esta discrepância, entre as duas turmas, poderá eventualmente estar associada às faixas etárias nas quais as diferentes turmas se inserem. Duma maneira geral, tentei adequar a actividade física às diferentes características da turma para que, a educação física fosse para eles uma experiência positiva e divertida, com o intuito de aumentar a probabilidade de estes virem a adquirir hábitos desportivos (Esculcas e Mota, 2005).

3. PLANIFICAÇÃO, CONDUÇÃO DE AULAS E AVALIAÇÃO DE APRENDIZAGENS

Dentro desta área, encontram-se quatro secções distintas, sendo elas: a Perspectiva Educativa e Metodologia de Ensino da Educação Física, a Preparação das Aulas, a Condução das Aulas e a Avaliação das Aprendizagens dos Alunos.

Penso que é pertinente começar por referir que, no que toca à avaliação inicial apenas participei da avaliação na turma do 6.º ano, uma vez que no caso da turma do 11.º ano iniciei o meu estágio após a conclusão desta importante

etapa. Em relação aos restantes ciclos, uma vez que apenas os acompanhei num curto espaço de tempo, já no decorrer do ano lectivo, não tive oportunidade de participar nesta etapa. A etapa da avaliação inicial constitui o primeiro passo no planeamento do trabalho a realizar ao longo do ano lectivo, tendo como principal função determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias, sendo a partir daí que o professor deve estabelecer as grandes etapas do ano lectivo (Bento, 1998).

3.1. Perspectiva Educativa e Métodos de Ensino

Tendo em conta que a metodologia de ensino é uma área que está em constante evolução, tentei informar-me junto dos orientadores de estágio qual o modelo de ensino que deveria utilizar ao longo do ano. E nesta questão a opinião foi unânime, ou seja, os dois orientadores de escola sugeriram que utilizasse o Modelo de Planeamento por Etapas em detrimento do Modelo de Planeamento por Blocos.

Este Modelo por Etapas caracteriza-se por se basear num período de avaliação inicial sobre todas as matérias, na definição de objectivos anuais perseguidos ao longo das etapas, utilizando frequentemente, aulas politemáticas e conseguindo, na perspectiva dos seus utilizadores, uma maior distribuição das aprendizagens no tempo, e facilitando, entre outros aspectos, a inclusão e a diferenciação do ensino e diversos outros aspectos essenciais à concretização dos objectivos da Educação Física (Rosado, s/d).

Apesar de não ter sido por mim utilizado penso que é importante referir que o modelo por Blocos é muito frequente na programação do ensino da Educação Física. As suas características principais envolvem o tratamento sequencial/linear e concentrado de diversos temas numa estrutura de programação por blocos ou unidades temáticas. A programação consiste na organização de um conjunto de blocos temáticos, geralmente em torno de uma

modalidade desportiva, relativamente independentes uns dos outros. As aulas são tipicamente monotemáticas (Rosado, s/d).

As primeiras aulas que leccionei (ao 6.º Ano) foram dirigidas à Avaliação Inicial. Esta avaliação tem como principais objectivos descobrir quais os alunos com maior necessidade de acompanhamento, as matérias mais fracas, o nível da turma, a definição de grupos por diferentes níveis, aspectos críticos no tratamento das matérias e na organização da turma e finalmente a detecção de alunos críticos. Durante a Avaliação Inicial que efectuei à turma do 6.º Ano (pois na do 11.º Ano essa avaliação já estava concluída), os alunos receberam uma classificação consoante o seu desempenho. Essa classificação dividia-se em quatro níveis: Não Introdutório (NI), Introdutório (I), Elementar (E) e Avançado (A). De salientar também, que para situar os alunos de uma forma mais justa, cada um dos níveis poderia ter ainda a subclassificação de mais (+) ou de menos (-), consoante a sua performance.

Concluída a Avaliação Inicial, e uma vez que já tinha os dados referentes a essa mesma avaliação, pude então elaborar o Plano Anual de Turma (disponível no Anexo II), plano esse que foi dividido em quatro etapas, sendo elas:

- 1.ª Avaliação Inicial;
- 2.ª Aprendizagem e Desenvolvimento;
- 3.ª Aprendizagem, Desenvolvimento e Aplicação;
- 4.ª Desenvolvimento, Aplicação e Revisão-Consolidação.

Estas etapas foram desenvolvidas ao longo do ano, pela ordem apresentada, sendo que cada uma foi planeada tendo por base o que tinha sido a etapa imediatamente anterior (Rosado, s/d).

Relativamente ao secundário, apesar de o modelo ser o mesmo na teoria, na prática acabou por ser diferente uma vez que cada elemento do núcleo de estágio fez o planeamento das etapas que leccionou, ainda que em conjunto,

cada um ficou responsável pela sua parte. Tal como já referi, uma vez que não participámos na Avaliação Inicial, apesar do Planeamento Anual ter sido feito com base nesses resultados e uma vez que essa etapa não foi conduzida por nós, acabou por ser um processo de adaptação constante e gradual conhecimento do real nível e potencial dos alunos.

Finalmente, relativamente às turmas do 1.º Ciclo, elaborei um planeamento das quatro aulas que leccionei a cada uma das turmas (2.º e 3.º anos). Nestas aulas tentei abordar temas distintos de forma a passar por um maior número de experiências possível neste ciclo. Neste nível de ensino utilizei o Modelo de Planeamento por Blocos, por serem aulas monotemáticas, por serem mais fáceis de controlar e por me dar a oportunidade de definir, à priori, os objectivos para a turma em questão.

3.2. Preparação das Aulas

Neste ponto específico gostaria de destacar o facto, de tanto numa escola como noutra, ter elaborado os planos de aula com um mínimo de dois dias de antecedência, para que desta forma os professores orientadores tivessem tempo de corrigir qualquer erro existente nesse mesmo plano. Posso afirmar que foram poucos os planos de aula em que os professores orientadores detectaram grandes erros, encontrando apenas pormenores que poderiam ser melhorados. O modelo do plano de aula (disponível no Anexo III) foi escolhido logo no início do estágio, tendo, como é óbvio, o aval dos orientadores da escola. Durante a concepção de cada plano de aula, tinha sempre o cuidado de manter e respeitar uma lógica evolutiva dos exercícios apresentados, adicionando sempre qualquer tipo de complexidade de forma a permitir a evolução dos alunos, com o objectivo de motivar a superação dos alunos e o alcançar dos objectivos individuais e colectivos. Tentei também diferenciar o mais possível o ensino, adaptando-o aos diferentes níveis em que os alunos se encontravam. Para possibilitar esta diferenciação do ensino, tive sempre o cuidado de preparar exercícios semelhantes, embora com níveis de dificuldade

diferentes, para os diferentes grupos de alunos. Este mesmo plano de aula era muito rico em informação, tendo dados como por exemplo: o tempo parcial (de cada exercício), o tempo total de aula, o tempo acumulado, a sequência de tarefas, a descrição dos exercícios, o esquema, o material necessário em cada exercício, um espaço para observações/alterações ao plano, os grupos de alunos para cada exercício, as estratégias utilizadas, os critérios de êxito, e por fim os dados de identificação de cada aula (data, hora, turma, conteúdos, objectivos, espaço, etc.).

Para uma melhor elaboração dos planos de aula, pedia ajuda/opinião aos professores orientadores, para que a escolha dos exercícios fosse a mais adequada, tendo sempre em conta o espaço disponível e as especificidades de cada turma. Neste sentido, tive sempre o cuidado de verificar se cada exercício escolhido ia de encontro aos objectivos a alcançar pela turma em questão.

Nos dois estabelecimentos de ensino e com todas as turmas a quem tive oportunidade de leccionar, procurei sempre explorar ao máximo os recursos materiais existentes, inovando em todas as aulas. Querendo com isto que as aulas fossem mais “ricas” pedagogicamente e também para que os alunos se sentissem sempre motivados, não caindo na rotina.

Foram poucas as aulas em que não consegui concluir, por falta de tempo, o que tinha estipulado no plano de aula. No início do ano isto aconteceu algumas vezes, ficando o que não conseguia fazer para a aula imediatamente a seguir. Penso que isto aconteceu, talvez devido a alguma inexperiência da minha parte, e ao facto de os alunos nessa altura do ano, ainda não terem o comportamento mais adequado. Pude também constatar que com o passar do tempo, fui tendo uma melhor percepção temporal das aulas e fui também corrigindo os comportamentos menos adequados por parte dos alunos, conseguindo desta forma concluir o estipulado em cada plano de aula.

3.3. Condução das Aulas

No que diz respeito à condução das aulas, esta foi da minha inteira responsabilidade ao longo de todo o ano lectivo, nas diferentes turmas às quais tive a oportunidade de leccionar. Nas referidas aulas, tive sempre o supervisionamento dos professores orientadores, que no final de cada aula me faziam algumas críticas, sempre com o intuito de melhorar a minha prestação enquanto docente. Os professores orientadores nunca interromperam nenhuma aula por mim leccionada, esperando sempre pelo final da mesma para referir os pontos positivos, assim como os negativos.

Relativamente ao ambiente vivido nas aulas das diferentes turmas, posso afirmar que decorreram sempre sob um ambiente e um clima bastante agradáveis. No início da minha leccionação tive o cuidado de transmitir aos alunos algumas das regras que queria implementar nas aulas, de forma a assegurar o bom funcionamento das mesmas. Como regras principais, impus: que os alunos não se atrasassem no início das aulas, que quando quisessem falar teriam de por o dedo no ar e ao meu apito paravam o que estavam a fazer e centravam a sua atenção nas minhas palavras. É claro que ao longo do ano lectivo fui impondo novas regras que me poderiam auxiliar, com o intuito de manter um bom funcionamento das aulas, mas as regras acima referidas seriam as mais importantes e as que eram estritamente proibidas de infringir.

No que diz respeito à comunicação estabelecida entre o professor e os alunos das diferentes turmas, posso dizer que tive de adaptar um pouco o meu vocabulário, nomeadamente com a turma do 6.º ano, na medida em que no início utilizava um vocabulário demasiado complexo para aquela faixa etária. Esta situação foi debelada em pouco tempo, tendo posteriormente encontrado a melhor forma de comunicar com esta turma. Isto também se aplica às aulas teóricas, onde as aulas correram sempre de uma forma extremamente agradável, tendo a comunicação com os alunos sido muito positiva. Outro aspecto relevante na minha comunicação seria a qualidade da informação

transmitida, e neste ponto tentei sempre estudar ao máximo os conteúdos de cada aula, transmitindo-os da forma mais clara, sintética e objectiva possível. Como professor aprecio muito que os alunos tenham uma postura activa nas aulas, participando regularmente mas com algum resguardo. Esta participação deve acontecer não no sentido de presença, mas no sentido de produção de conhecimento (Fernandes e Greenville, 2007).

Em relação ao controlo das turmas, começo por me referir à turma do secundário, tendo em conta que se tratava de uma turma com poucos alunos, quase todos do sexo feminino, não tive grandes dificuldades em controlá-los. Por sua vez, a turma do 6.º ano proporcionou-me alguns desafios a este nível no início do ano, pois apresentavam um comportamento negativo, estando constantemente a falar uns com os outros e apresentando comportamentos desviantes. Mas com o passar do tempo consegui contornar esses problemas, nomeadamente assumindo um papel um pouco mais austero no que diz respeito à minha relação com os alunos. De salientar que no início de cada aula tinha por norma ter uma breve conversa com os alunos, onde dissecava os aspectos positivos e negativos da aula anterior, e transmitia aos alunos os conteúdos e objectivos dessa mesma aula.

Por último, com as turmas do 1.º Ciclo correu tudo da melhor maneira, exceptuando alguns desvios comportamentais próprios da idade. Ainda no 1.º Ciclo, em que as idades são mais baixas e os alunos estão mais direccionados para a brincadeira, sendo aqui que o professor tem de intervir, impondo limites.

De uma forma geral posso afirmar que todos os alunos, desde o início do ano, perceberam que o meu papel, apesar de ser um estagiário, representava o papel do “Professor”, respeitando-me sempre em todas as ocasiões. Neste sentido, posso afirmar que a minha prestação foi bastante positiva, tendo em conta a reacção dos alunos e os feedbacks recolhidos, quer junto dos orientadores de escola, quer junto das professoras titulares das turmas do 1.º Ciclo.

3.4. Avaliação das Aprendizagens dos Alunos

A avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas, sendo por este facto, um assunto em permanente discussão. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento do sistema educativo (Abrantes, 2002).

No decorrer do estágio utilizei três avaliações distintas, mas relacionadas entre si, sendo elas a Avaliação Diagnóstica, a Avaliação Formativa e a Avaliação Sumativa. Estes diferentes tipos de avaliação têm uma grande importância, elucidando-nos sobre as opções verdadeiramente valorizadas pelo sistema educativo e que definem o currículo real, influenciando a acção do professor e as aprendizagens dos alunos (Rowntree, 1987). De seguida irei fazer uma breve definição de cada tipo de avaliação, para uma melhor compreensão dos mesmos.

Avaliação Diagnóstica

Este tipo de avaliação caracteriza-se por fornecer ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos que vai desenvolver às características e conhecimentos dos alunos com que irá trabalhar. Mas comporta também certos riscos, se o professor não valorizar o seu carácter *temporário*. Por outras palavras os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não podem ser tomados como um "rótulo" que se "cola" para sempre ao aluno mas sim como um conjunto de indicações que caracterizam o nível a partir do qual o aluno e professor, em conjunto, conseguiram um progresso na aprendizagem (Cortesão, 2002). No Anexo IV encontra-se um quadro resumo da avaliação diagnóstica utilizada.

Avaliação formativa

Esta é uma forma de avaliação em que a preocupação central reside em colher dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem. Em trabalhos anteriores (Cortesão e Torres, 1993) descreve-se este tipo de avaliação como sendo "uma bússola orientadora" do processo ensino-aprendizagem. Colhem-se dados que ajudam alunos e professores a reorientar o seu trabalho no sentido de apontar falhas, aprendizagens ainda não conseguidas, aspectos a melhorar. No Anexo V encontra-se um quadro resumo da avaliação formativa utilizada.

Avaliação sumativa

Representa um sumário, uma apreciação "concentrada", de resultados obtidos numa situação educativa, sendo realizada em momentos específicos do período lectivo. Pretende traduzir, de forma breve, a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implicitamente, se arbitrou ser importante de atingir. O resultado pode exprimir-se numericamente, de acordo com uma escala que se escolhe (1-5 ou de 0-20, são, entre nós, as escalas utilizadas em diferentes graus de ensino). Mas pode ter também uma expressão mais qualitativa. No Anexo VI encontra-se um quadro resumo da avaliação sumativa utilizada.

Em termos práticos, a aplicação destas avaliações foi efectuada nas duas turmas que foram alvo de um acompanhamento mais efectivo da minha parte (6.º e 11.º anos). Relativamente à avaliação diagnóstico, apenas foi efectuada à turma do 2.º ciclo, onde avalei os vários gestos técnicos associados a cada modalidade, entre elas, basquetebol, voleibol, futebol, andebol, badminton, ginástica no solo e ginástica de aparelhos.

A escala utilizada comporta os níveis, I- introdutório, NI- não introdutório e E - elementar. De um modo geral, os alunos encontravam-se no nível introdutório, exceptuando em badminton onde apresentaram ligeiramente mais baixos. Em relação à turma do 11.º ano, esta avaliação já se encontrava concluída.

Relativamente à avaliação formativa, esta já foi realizada nas duas turmas, sendo um processo no qual, fui recolhendo informações relativas aos alunos ao longo de todo o ano, de forma a poder reorganizar todo o processo de ensino-aprendizagem (Carvalho, 1994). Esta recolha de informações era efectuada com a frequência de uma vez por semana, sendo esta bastante útil e elucidativa, no que toca à evolução dos alunos, permitindo assim ter um registo concreto das diferentes componentes avaliativas em determinada aula. De forma a proceder ao registo desta mesma avaliação, foi elaborado um protocolo de avaliação formativa, pelo núcleo de estágio, logo no início do estágio, em que se avaliavam os seguintes tópicos:

→ **Assiduidade e Pontualidade**

Esta foi uma dimensão deveras importante para perceber, se o aluno tinha como hábito ir às aulas e se o fazia de forma pontual, ou se por outro lado, era um aluno que raramente ia às aulas, ou que chegava por vezes ou muitas vezes atrasado.

→ **Empenho**

Ao avaliar esta dimensão ao longo de várias aulas, tive como intenção retirar informação do empenho dos alunos, conseguindo no final de cada período, ou do ano lectivo, ter bastante informação registada sobre a atitude e motivação dos alunos perante as aulas leccionadas.

→ **Aproveitamento**

Esta foi também uma dimensão muito importante e essencial que tivesse constado na ficha de avaliação formativa, pois diz respeito às aprendizagens físicas, técnicas e tácticas que os alunos apresentam nas variadas aulas, consoante os objectivos das mesmas. A informação obtida através da avaliação desta dimensão, permitiu adaptar e individualizar o ensino das várias matérias, tornando as aulas mais motivantes para os alunos mais fortes e mais fracos numa determinada matéria.

→ **Comportamento**

No que diz respeito à dimensão do comportamento, os registos recolhidos ao longo das aulas foram muito importantes, podendo dessa forma o professor ter bastantes informações sobre a forma de se comportar do aluno, o que serviu directamente para ajudar o professor na avaliação sumativa.

Na turma do 2.º Ciclo, apesar de não faltarem com muita regularidade, a pontualidade nem sempre era a mais adequada. Este factor veio a alterar-se ao longo do ano devido às minhas chamadas de atenção. Em termos de empenho, esta turma servia de exemplo a muitas outras, uma vez que os alunos encontravam-se sempre muito motivados e pré-dispostos para a actividade física. A nível de aproveitamento, a turma era um pouco heterogénea, uma vez que tinha alunos com uma elevada facilidade de aprendizagem, e outros que necessitavam de mais tempo para adquirir certos conhecimentos. Por último, o comportamento no início do ano não era o mais apropriado, mas através destas fichas de avaliação formativa, pude constatar uma considerável melhoria a este nível, na turma em geral, e nos alunos mais problemáticos em particular.

No que respeita à turma do Secundário, esta apresentava um elevado nível de pontualidade, nunca levantando problemas a este nível. Contudo, a nível de assiduidade, num modo geral a turma faltava pouco, à excepção de um grupo de três ou quatro alunas que esgotavam sempre o limite máximo de faltas que poderiam dar. No empenho, estes alunos demonstraram níveis inferiores aos da turma supramencionada, tendo assim, tentado elevar os níveis de motivação apresentados por esta turma, sendo um dos principais obstáculos da minha leccionação ao longo de todo o ano. Tendo em conta as características inerentes a esta turma, penso que o aproveitamento desta, era relativamente aceitável, podendo observar-se ao longo desta avaliação, um progressivo aumento desse mesmo aproveitamento. Finalmente, esta turma primava por um comportamento exemplar, nunca levantando quaisquer problemas a este nível.

Relativamente à Avaliação Sumativa, este também foi efectuada nas duas turmas e, tendo tido em linha de conta vários factores avaliativos, tais como, as próprias fichas de avaliação formativa, os testes escritos (um em cada período) (Rosado e Silva, 1999), os resultados na bateria de testes do Fitnessgram e participação em actividades físicas extra-curriculares. As fichas de avaliação formativa já foram mencionadas anteriormente. No que respeita aos testes escritos, estes foram a forma de testar a conhecimento teórico dos alunos, conhecimento esse que lhes foi transmitido ao longo do ano lectivo de uma forma geral, e nas aulas teóricas em particular. Os resultados destes testes foram bastante aceitáveis, facto que me satisfaz, uma vez que estes demonstraram que os alunos adquiriram os conhecimentos pretendidos durante as aulas. Por sua vez, a bateria de testes do Fitnessgram foi efectuada uma vez por período, sendo constituída por diferentes exercícios, tais como: vaivém, extensões de braços, senta e alcança, extensão do tronco, abdominais e flexibilidade dos ombros. Os resultados obtidos na turma do 6.º ano, ao longo de todo o ano, foram muito mais satisfatórios comparativamente com os esperados na turma do 11.º ano, como comprovado pelos valores estipulados (Núcleo de Exercício e Saúde, s/d). Também posso afirmar que, em ambos os casos, assistiu-se a um aumento dos níveis de condição física ao longo do ano, tal como seria de esperar. Por último, a dedicação demonstrada pelos alunos através da participação nas diferentes actividades extra-curriculares desportivas realizadas ao longo do ano, também foram tidas em linha de conta para a avaliação final, embora este factor não tenha um grande peso a nível global.

Parece-me importante distinguir a avaliação criterial, por mim utilizada, da avaliação normativa. Na avaliação criterial o desempenho do aluno é analisado por frequências, enquanto na normativa é comparado com o desempenho médio do grupo. Relativamente às finalidades, a avaliação normativa atribui níveis, notas numa classificação ordenada, tendo em vista seleccionar, por sua vez a avaliação criterial reorganiza o ensino e a aprendizagem num processo interactivo, permitindo a atribuição a cada aluno de níveis que traduzam o

domínio dos objectivos. Por último, no que diz respeito às implicações para os alunos, na avaliação criterial existe uma progressão possível de todos, havendo uma competição do aluno consigo próprio, pelo contrário, na normativa, existe uma competição entre os alunos (Ferraz *et al.*, 1994).

Relativamente à avaliação das aprendizagens, posso afirmar que foi uma constante ao longo de todo o ano, pois todas as semanas, sem excepção, preenchi fichas onde registava a evolução das aprendizagens dos alunos. Este mesmo registo revelou-se fundamental na justificação da atribuição das notas aos alunos no final de cada período (Peralta, 2002).

4. ANÁLISE DA PRÁTICA DE ENSINO

Perante a condução do ensino, tentei colocar em prática várias estratégias adaptadas às circunstâncias. Procurei potencializar a aquisição de competências por parte dos alunos, ao longo de todo o ano lectivo. No início do ano lectivo tentei estabelecer rotinas organizativas mais gerais, optando, durante as aulas, por medidas que promovessem comportamentos apropriados por parte dos alunos. Houve uma constante preocupação no desenvolvimento de competências de instrução, demonstração e feedback, com particular atenção às matérias nas quais os alunos apresentavam maiores carências.

Um dos aspectos fundamentais que muito me auxiliou no desempenho das minhas funções foi a observação pedagógica (a qual irei aprofundar no ponto 4.1.). Foram realizados diferentes tipos de observações: observações inter-estagiários, observações de aulas do orientador da escola, observações de aulas de outros núcleos de estágio e observações de aulas de outros professores do grupo de Educação Física. Relativamente a estas observações, saliento o facto de se ter efectuado balanços no final das mesmas, em conjunto com o orientador da escola. Atribuo a estes balanços uma melhoria significativa



no meu desempenho como professor, visto ser neste momento que se discutiam situações-problema determinantes para uma correcta leccionação.

A Prática do Ensino variou um pouco de uma turma para outra, este facto deveu-se sobretudo às características dos alunos, uma vez que uma das turmas era de 6.º ano e outra de 11.º ano. Um dos meus principais objectivos, em ambas as turmas, consistia em cativar os alunos para que estes encarassem as aulas de Educação Física como um momento importante da sua formação pessoal e colectiva. De uma forma geral, considero que a prática de ensino foi positiva, visto que os alunos mostraram-se interessados, empenhados e participativos perante as actividades propostas na maior parte das aulas, o que me proporcionou momentos de enorme satisfação pessoal e profissional.

Em algumas modalidades senti dificuldades na elaboração dos planos de aula, mais especificamente ao nível da escolha dos exercícios mais adequados para o ensino de determinados gestos técnicos. Esta dificuldade foi em parte superada, não só através dos feedbacks fornecidos pelo orientador da escola, mas também devido a uma pesquisa e reflexão que realizei, de modo a ser mais selectivo nos exercícios a utilizar e assim otimizar a leccionação. Penso que as principais dificuldades sentidas foram motivadas pela inexperiência e pela falta de formação académica, ao nível das modalidades colectivas que leccionei. De outra forma, considero que evoluí bastante desde o início do ano lectivo, procurando dirigir-me aos alunos com bastante atenção à linguagem utilizada, recorrendo a terminologia específica e fornecendo feedbacks adequados às diferentes situações.

Com o intuito de atingir uma eficácia pedagógica elevada, procurei respeitar as diferenças entre os alunos e potencializar os comportamentos e atitudes de cada um deles, tentando estabelecer rotinas que se revelassem úteis, contribuindo para um bom aproveitamento do tempo de aula.

Para concluir, não poderia deixar de referir que esta foi das situações que mais gostei de todo o Estágio Pedagógico, não só pelo contacto directo

desenvolvido diariamente com os alunos, mas porque todo o processo de ensino – aprendizagem consiste num desafio constante. Assim, penso que o trabalho aqui desenvolvido foi muito positivo, tentei sempre conduzir bem as aulas adaptando-me às situações que iam surgindo.

4.1. Importância da Observação na Formação

A análise das aulas, o relatório final de cada aula e as próprias observações que fiz aos meus colegas de estágio, na minha opinião, são os pontos-chave no meu processo evolutivo de professor – estagiário, uma vez que fiz uma reflexão crítica de cada aula juntamente com os colegas estagiários e com o professor Orientador. Quando necessário, determinámos estratégias para colmatar as dificuldades encontradas. Esta reflexão sobre cada aula teve uma relevância enorme na minha evolução como professor, na medida em que quem está a observar as aulas “de fora” apercebe-se de factores que quem esta a leccionar não se apercebe. A realização destas observações potencializou o meu processo ensino-aprendizagem enquanto professor estagiário. Permitiram tanto ao observador como ao observado uma tentativa de minimizar, e quem sabe antecipar, os erros de planeamento, organização e intervenção. O observador ajuda o observado a compreender e a corrigir os aspectos menos positivos da sua aula, e por outro lado, aprende com os erros do observado de modo a não imitá-lo, ou seja, a não realizar os mesmos erros que este efectuou. Neste sentido, após a aula ter terminado aquelas pequenas reuniões que fizemos demonstraram ser extremamente produtivas, uma vez que descobrimos os nossos pontos fortes e também os nossos pontos fracos, sempre com o intuito de melhorar as nossas prestações enquanto professores – estagiários.

Com as observações que efectuei aos meus colegas de estágio, tive a oportunidade de assistir à forma como os mesmos leccionam as aulas e de avaliá-los em diversas dimensões associadas à leccionação das aulas de educação física. Com a avaliação que realizei aos meus colegas, fui obrigado a reflectir sobre o que poderia ser efectuado de forma diferente, o que eu faria

naquela situação e, por exemplo, que tipos de exercícios utilizaria para trabalhar aqueles objectivos específicos. Ao observar aulas de colegas meus estava a ser alertado para erros que podem ser cometidos, mas também a aprender formas de trabalho diferentes, que por vezes nem sequer tinha pensado que poderiam ser utilizadas.

Além dos aspectos positivos que acima referi, outra das grandes vantagens das observações, é a oportunidade de poder ver/analisar diferentes tipos de professores a lidarem com diferentes tipos de alunos/turmas. Essa diversidade é boa para quem, como eu, está a iniciar a sua actividade de professor, perceber que temos que saber lidar com os alunos consoante a especificidade da turma. É certo que muitas vezes só nos apercebemos das situações, e de como elas são na realidade, quando nos deparamos com elas, e é nessas alturas que a falta de experiência nos pode trair, pelo que é sempre importante presenciar novas experiências de forma a potenciar a nossa formação.

Se tiver consciência do que posso e devo melhorar enquanto professor, é mais fácil evoluir, tentando colmatar as minhas dificuldades e diminuir o aparecimento de erros que já cometi anteriormente.

5. PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA E NA COMUNIDADE

De acordo com o guia de estágio, dentro desta área pretende-se: a concepção e dinamização de actividades extra-lectivas, que tenham como objectivo principal dinamizar a vida do agrupamento de escolas e o desenvolvimento dos alunos na aprendizagem. Todas as actividades que foram desenvolvidas surgiram da colaboração dos três elementos que constituem o núcleo de estágio. Estas actividades foram devidamente planeadas e executadas, não só por acreditarmos no seu elevado valor pedagógico e na pertinência das mesmas para as populações alvo, mas também para suprimir lacunas da nossa formação. Foi de igual forma bastante enriquecedor aprofundarmos o nosso

conhecimento sobre os processos organizacionais inerentes à gestão e administração deste tipo de actividades.

5.1. Actividades de Complemento Curricular

Face aos objectivos pretendidos, foram propostas diversas actividades no início do ano lectivo, sendo que apenas duas seriam conotadas para a avaliação do estágio. De seguida, apresentarei um balanço das actividades de complemento curricular.

5.1.1. Actividade: “Peddy-paper” (EBIJIM)

A elaboração desta actividade surge principalmente devido aos seguintes factores:

- ↳ As alterações vividas pela sociedade nas últimas décadas exigem a adopção de posturas educativas dinâmicas;
- ↳ Aumentar os hábitos de actividade física no dia-a-dia nas crianças de hoje;
- ↳ Permitir que todos os alunos participem nesta actividade, havendo participação de rapazes e raparigas de toda a comunidade Escolar;
- ↳ Benefícios em termos de saúde, hábitos de vida saudável entre outros, esta actividade também permite a toda a Comunidade Escolar ter um maior conhecimento histórico da cidade onde vive e/ou onde estuda que é a cidade de Évora;
- ↳ Atribuir aos professores estagiários, a responsabilidade da organização e dinamização de actividades de complemento curricular.

O projecto desta actividade foi o primeiro elaborado pelo núcleo de estágio, o que nos exigiu grande empenho e pesquisa, para que este resultasse num documento organizado e estruturado.

De forma a atingirmos a população-alvo desta actividade, constituída por professores, estagiários de Educação Física e alunos, a divulgação foi

realizada com recurso a cartazes de promoção e folhetos colocados por toda a Escola

A actividade realizou-se no dia 28 de Abril de 2010 e de um modo positivo. Posso afirmar que a única alteração que ocorreu, consistiu no adiamento da data desta actividade de 21 para 28 de Abril, de forma a haver mais tempo de divulgação, uma vez que a primeira data estabelecida se encontrava muito próxima do início do 3.º Período Lectivo. Além desta mudança, não houve mais nenhum tipo de alteração em relação ao projecto que havia sido anteriormente planeado. Tendo em conta o carácter da actividade, para que esta decorresse da melhor forma possível, era desejável que houvesse uma forte adesão por parte da comunidade escolar. Facto que se veio a confirmar com cerca de setenta participantes.

5.1.1.1. Análise Estatística.

No final da acção foi pedido a todos os presentes o preenchimento do questionário de opinião relativo à mesma, cuja análise se encontra no Anexo VII.

5.1.1.2. Conclusão da Actividade

No final desta actividade desenvolvida, posso referir que a actividade foi muito produtiva tanto ao nível da participação da comunidade escolar como em termos de conhecimentos e aprendizagens dos Jogos Populares e Tradicionais. De realçar também a boa planificação, organização e controlo da actividade, evitando ocorrências fora do contexto da actividade, contribuindo positivamente para o bom desenrolar da mesma.

Há ainda a destacar os excelentes feedbacks que recebi por parte de todos os professores intervenientes, em particular por parte do nosso orientador, o professor Pedro Mira.

Posto isto, no meu ponto de vista, esta actividade foi muito importante devido ao facto de ser um projecto elaborado para a comunidade escolar, tendo esta aderido em massa, fornecendo-nos bases para futuras elaborações de actividades deste género.

5.1.2 Actividade: “1.º Passeio BTTAG” (ESAG)

A elaboração desta actividade surge principalmente devido aos seguintes factores:

- A cooperação entre os companheiros, incentivando e apoiando a sua participação na actividade, cumprindo as regras de segurança específicas;
- Permitir aos participantes o contacto com uma actividade de exterior, que não está inserida no programa curricular de Educação Física, sendo esta uma novidade para alguns dos elementos da população escolar;
- Dar a entender aos participantes o relevo e a importância da prática de actividade física no seu dia-a-dia;
- Demonstrar o poder de integração na comunidade que a prática de actividade física possui;
- Sensibilização do maior número possível de elementos da comunidade escolar a participar nesta actividade, de maneira a provocar o impacto que esta mesma requer;
- Atribuir aos professores estagiários, a responsabilidade da organização e dinamização de actividades de complemento curricular.

A escolha desta actividade surgiu da necessidade gritante que a nossa sociedade tem em praticar desporto, nomeadamente ao ar livre. Sabemos, presentemente, que a população portuguesa tem hábitos de actividade física reduzidos. As crianças de hoje não têm os mesmos níveis de actividade física de há décadas atrás. Posto isto, o nosso trabalho visa a que a maior parte dos alunos participe nesta actividade (60 elementos), havendo participação de

rapazes e raparigas de toda a comunidade Escolar. Para além dos benefícios em termos de saúde, hábitos de vida saudável entre outros, esta actividade também permite a toda a Comunidade Escolar ter um maior conhecimento histórico dos caminhos que circundam a cidade de Évora, onde vive e/ou onde estuda.

Durante a elaboração do projecto deparámo-nos com algumas dificuldades, visto ser uma actividade fora da escola. Tendo esse aspecto em conta, houve necessidade de requisitar acompanhamento policial (Escola Segura) até ao fim da estrada de alcatrão, bem como uma ambulância cedida pela Cruz Vermelha que nos acompanhou durante todo o percurso, tal como a carrinha “Vassoura”, gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Évora, que acabou por não se revelar necessária, uma vez que não se verificou nenhum tipo de acidente e/ou qualquer contratempo que impedisse algum dos participantes de prosseguir a actividade.

A divulgação da actividade foi realizada pela afixação de cartazes por toda a escola e pelos próprios professores de Educação Física nas suas aulas. Foram efectuados convites a todos os professores da Escola, bem como aos órgãos de gestão da mesma. Apenas alguns professores acederam ao convite.

Esta actividade realizou-se no dia 8 de Junho de 2010 e de um modo positivo. Posso afirmar que a única alteração que ocorreu, consistiu no adiamento da data desta actividade, ainda que por duas ocasiões. A data inicialmente prevista era 12 de Maio de 2010, tendo sido alterada para 19 de Maio e posteriormente para dia 8 de Junho.

De uma maneira geral posso afirmar que o resultado da actividade foi muito positivo, em virtude de ter sido bem orientada, planeada e estruturada pelos professores dinamizadores da mesma. A actividade realizou-se com a participação de cerca de vinte indivíduos, entre pessoal docente e discente. Outro dos aspectos positivos da actividade foi a fácil ligação estabelecida entre

os professores estagiários e a Direcção, levando à criação de um bom ambiente em termos de descontração e ao mesmo tempo de interiorização de bastantes conhecimentos e aprendizagens. Neste sentido, foi visível a clara motivação, empenho e diversão global dos participantes na prática desta actividade.

Como aspecto negativo, posso destacar a fraca adesão por parte dos alunos, factor que se pode explicar através da data que nos foi imposta pela Direcção para a realização desta actividade (depois do termino das aulas).

5.1.2.1. Conclusão da Actividade

Depois de concluída esta actividade, posso referir que esta foi produtiva, tanto ao nível da participação da comunidade escolar como em termos de conhecimentos e aprendizagens sobre o BTT. É de realçar também a boa planificação, organização e controlo da actividade, evitando ocorrências fora do seu contexto, contribuindo positivamente para o bom desenrolar da mesma. A atitude demonstrada pelos professores/monitores dinamizadores da actividade que conseguiram tornar esta ainda mais “divertida” mas sem destoar o seu objectivo principal (prática da Actividade Física). Há ainda a destacar os excelentes feedbacks que recebemos por parte de todos os professores intervenientes, nomeadamente, do nosso orientador, o professor José Salvador Soares e ainda de todos os restantes participantes desta actividade.

Por fim, no meu ponto de vista, esta actividade foi muito importante, não só devido ao facto de ser uma actividade inserida no nosso estágio nesta escola, mas mais ainda devido ao facto de ser um projecto elaborado em conjunto com a Direcção, o que nos permitiu ter um conhecimento mais aprofundado sobre o funcionamento da realidade escolar, nomeadamente no que à Direcção diz respeito, em termos da organização de eventos desta natureza.

5.1.3. Actividade: “Visita de Estudo a Peniche com Introdução aos Desportos Aquáticos – Surf e Bodyboard” (ESAG)

Justificação e interesse

A realização desta actividade pretendia que o 11.º Ano do curso de Humanidades obtenham uma visão mais profunda no que concerne à disciplina de Educação Física, assim como, dar a conhecer perspectivas de possíveis actividades desportivas que possam vir a praticar no futuro. Neste sentido, o nosso núcleo de estágio pretendia também, em colaboração com a Escola Secundária de Peniche, que os alunos contactassem com novas experiências/aprendizagens desportivas.

Objectivos

O objectivo principal da realização desta actividade consistia em atribuir aos professores estagiários, a responsabilidade, na organização e dinamização de actividades de complemento curricular. No entanto, existem outros objectivos a ter em conta na realização de uma actividade deste tipo:

- ✚ Contribuir para a formação total do indivíduo, na medida em que actua sobre toda a sua estrutura bio-psico-socio-motora;
- ✚ Estimular todas as acções biológicas e fisiológicas ligadas às modalidades de surf e bodyboard;
- ✚ Contribuir para uma formação direccionada dos alunos em questão;
- ✚ Promover um primeiro contacto entre os alunos com os desportos aquáticos, nomeadamente com o Bodyboard e Surf;
- ✚ Vivenciar diferentes modalidades desportivas;
- ✚ Promoção de estilos de vida saudável.

Nota: Pelo que nos foi transmitido, a actividade não foi aprovada em Conselho Pedagógico, conselho esse que não contou com a participação de nenhum elemento do núcleo de estágio. A razão que nos foi dada para a não realização desta actividade foi o facto de não ser aconselhável a turma ter uma visita de

estudo com a duração de três dias, pois os alunos teriam de prestar provas nos exames de final de ano. Neste sentido, e com muita pena nossa (elementos do núcleo de estágio) e da turma em questão, esta actividade ficou sem efeito prático. De sublinhar que o núcleo de estágio fez tudo o que podia e que estava dentro das nossas competências, dentro dos prazos estabelecidos, para a concretização desta actividade. Desta forma, o núcleo de estágio não assume qualquer responsabilidade pela não realização da actividade em questão.

6. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Neste ponto irei debruçar-me, entre outros assuntos, nas minhas responsabilidades enquanto professor, as iniciativas tomadas com vista à actualização do meu conhecimento profissional, o trabalho em grupo elaborado com outros professores sobre questões profissionais, e por fim, uma reflexão crítica sobre a Prática de Ensino Supervisionada, descrevendo os problemas encontrados e a sua respectiva resolução.

Neste sentido, gostaria de começar por abordar o tema da integração nos dois estabelecimentos de ensino onde leccionei este ano lectivo. O primeiro contacto com as instituições nas quais realizei a PES aconteceu em meados do mês de Outubro, mais concretamente no dia 13 de Outubro de 2009. Neste primeiro dia, eu e os meus colegas do núcleo de estágio deslocámo-nos à Escola Secundária André de Gouveia da parte da manhã. Fomos recebidos pelo nosso Professor orientador, professor José Soares, que nos apresentou as instalações da escola, bem como o grupo disciplinar de Educação Física. Depois de uma pequena visita guiada pelas instalações, com o Professor José Soares, reunimo-nos no gabinete dos docentes de Educação Física e foi-nos indicado qual a turma que iria ficar ao nosso cargo, bem como foi elaborada uma caracterização geral da mesma. Da parte da tarde, depois da hora de almoço, deslocámo-nos à EBI com Jardim de Infância da Malagueira. Quando entrámos neste estabelecimento de ensino, já o Professor Pedro Mira se

encontrava à nossa espera. Depois das normais apresentações, o Professor Pedro Mira, à semelhança do que aconteceu com o Professor José Soares, da ESAG, levou-nos a uma visita guiada pela escola, em que nos apresentou todas as instalações e funcionários nela existentes. De um modo geral, fui muito bem recebido e acolhido por todas as pessoas apresentadas que integram ambas as escolas. Este primeiro contacto com os estabelecimentos de ensino, desde logo, despertou em mim, um misto de sentimentos, por um lado ansiedade e por outro, curiosidade, sobre o que iria ser o meu estágio. Desta forma a integração nas escolas foi bastante fácil, uma vez que fomos todos (estagiários) muito bem recebidos pela comunidade escolar em geral e pelo grupo de Educação Física em particular. Para isso contei com a preciosa ajuda dos meus orientadores de estágio nas escolas, professores José Soares e Pedro Mira, que curiosamente já conhecia antes do início deste estágio pedagógico, o que talvez tenha facilitado essa mesma integração. Confesso que de início me sentia um pouco inibido, uma vez que até à data tinha entrado na sala de professores sempre como aluno, e demorei algum tempo a interiorizar que agora estava no outro lado – o de professor. Mas com o passar do tempo tudo mudou, e algum tempo depois já encarava esse facto com grande naturalidade e já me sentia parte integrante da comunidade escolar. Note-se que a minha integração na escola da Malagueira foi um pouco mais fácil, talvez pelo facto de haver um menor número de docentes, tendo assim um ambiente um pouco mais “familiar”. De referir também que ambas as instituições onde me encontrava a leccionar possuem um ambiente muito agradável e bastante “leve”, onde se trabalha com enorme prazer e satisfação.

Como professor estagiário assumi um sem número de responsabilidades que passaram pelo controlo de mais do que uma turma, tarefa esta que no início se demonstrou ser uma situação por vezes desconfortável (devido a uma certa ansiedade), até às mais diversas actividades intrínsecas à profissão de docente.

Começando por falar da turma do 2.º Ciclo (EBIJIM), aqui apenas observei três aulas leccionadas pelo professor Pedro Mira, “pegando” na turma logo de seguida. Assumi todas as responsabilidades inerentes à condução do ensino nessa turma, onde comecei por fazer a avaliação inicial. O professor Pedro Mira fez questão de atrasar essas mesmas avaliações, para que nós, estagiários, tivéssemos oportunidade de passar por esta importante etapa. Penso que o facto de ter passado por esta experiência foi bastante benéfico para mim e para a minha formação, ajudando-me posteriormente a construir o planeamento anual devidamente sustentado.

Por sua vez, com a turma do secundário (ESAG) a história foi um pouco diferente, uma vez que durante o 1.º período eu e os meus colegas de estágio apenas leccionámos duas aulas, aulas essas que foram conduzidas ao mesmo tempo pelos três estagiários. Neste 1.º período as aulas foram dadas pelo professor José Soares (orientador), aulas essas que foram alvo de uma cuidadosa observação da minha parte e dos meus colegas, de forma a conhecer as especificidades da turma. A partir do 2.º período, as aulas foram divididas pelos três estagiários de uma forma equitativa. Comparativamente à turma do 2.º Ciclo, o início da minha leccionação com esta turma do 11.º ano foi um pouco facilitada devido ao facto de já conhecer as características da turma. Contudo, na turma do 6.º ano encontrei alguns obstáculos devido ao número elevado de alunos e ao facto de não conhecer as características da turma.

Em relação às aulas leccionadas nas duas turmas de 1.º Ciclo, cujo contacto aconteceu a meio do ano lectivo, o tempo de contacto com estas turmas foi muito reduzido, o que não permitiu um conhecimento muito aprofundado das duas turmas.

Como professor estagiário penso que também foi muito importante a minha constante pesquisa, nomeadamente no PNEF, com vista à actualização do meu conhecimento profissional. Neste ponto pude contar com o constante apoio dos professores orientadores e outros colegas de profissão. Aconteceu

inúmeras vezes surgirem dúvidas pertinentes, e através de uma discussão com os colegas de departamento, ter conseguido encontrar soluções para esses mesmos problemas. Este facto deve-se à vasta experiência dos professores com quem tive o privilégio de trabalhar ao longo deste ano lectivo. A relação entre Professor Orientador e Professor Estagiário revelou-se fundamental no meu desenvolvimento ao longo deste estágio pedagógico e das competências que se pretende que venha a adquirir. Os Professores Orientadores do núcleo de estágio tiveram um papel de socialização evidente, deles vieram muitos conhecimentos, ideias, encorajamentos e críticas. Tendo sido, também por intermédio destes, o conhecimento/participação em algumas acções de formação complementares à minha actividade profissional, como foi o caso da acção de formação sobre a aplicação do Fitnessgram nas escolas. É de salientar, também, a boa relação/interacção que existiu ao longo de todo o ano entre os elementos do núcleo de estágio, tendo permitido trocar ideias, conhecimentos e até algumas críticas. A boa relação existente revelou-se fundamental, uma vez que por inúmeras vezes foi necessário realizar trabalhos em conjunto, e sem a existência dessa boa relação o próprio estágio teria sido prejudicado. A dedicação dos funcionários dos dois estabelecimentos de ensino foi também ela muito importante, uma vez que facilitou em muito o meu trabalho, nomeadamente na preparação do material para as aulas.

7. CONCLUSÃO

Este estágio pedagógico foi, na minha opinião, a etapa mais importante na minha formação académica, ou seja, que irá ter sempre um peso fulcral na minha vida profissional enquanto docente. Para além do contacto com a realidade escolar, o estágio pedagógico proporcionou e exigiu uma reflexão diária do meu comportamento enquanto futuro professor, o que potencializou e fez com que estivesse atento aos meus erros. Este ano lectivo foi sem dúvida um momento de convergência, por vezes também de confrontação, entre a formação teórica e o mundo real do ensino.

Esta nova etapa da minha formação académica colocou-me como professor – estagiário na presença de numerosos novos actores, acontecimentos e situações. O que até então tinha sido a fingir, “os alunos”, passou este ano a ser real. Foi então necessário adoptar comportamentos adequados a esta nova realidade, tentando colocar o “eu” pessoal em segundo plano, fazendo com que o “eu” profissional tivesse um maior peso, sabendo de antemão que é impossível dissociar os dois (Nóvoa, 1992). No início do estágio tive de assumir algumas responsabilidades inerentes à prática docente, entre outras, destacam-se as responsabilidades de planeamento, da condução de ensino e da avaliação feita aos alunos das diferentes turmas.

Neste momento sou capaz de afirmar, que o que aprendi ao longo deste ano lectivo me acompanhará para o resto da minha vida profissional e social, já que este estágio não permitiu apenas o desenvolvimento de competências profissionais, mas também sociais.

Este foi, sem dúvida, o ano mais importante e mais significativa da minha formação universitária.

Neste momento, posso assegurar, que sinto que evoluí como profissional do ensino da Educação Física cada dia que passou. Ainda tenho algumas lacunas que terão de ser trabalhadas ao longo dos anos, tais como, a colocação de voz

perante a turma, o tempo transição, a individualização do ensino. Mas penso que com o tempo as conseguirei superar. Para tal, será muito importante ouvir e compreender os conselhos e críticas dos professores mais experientes, pois estes possuem uma grande experiência a nível do ensino que me poderá ajudar a evoluir sempre mais. No que diz respeito às competências adquiridas, penso que evolui muito ao nível da instrução, sendo neste momento um aspecto forte da minha leccionação. Também ao nível da organização penso que tenho vindo a evoluir, tendo, no entanto, a percepção que ainda poderei melhorar.

Relativamente à minha capacidade de gerir grupos, parece-me ser outro aspecto em que evoluí. Sempre me senti à vontade para liderar grupos, mas agora com a prática pude adquirir maior confiança e adquirir experiência nesta área específica. Se por um lado a turma de 11.º ano não colocou muitos obstáculos a este nível, sendo muito fácil controlar a turma, por outro lado a turma do 6.º ano colocou-me muitos desafios.

No que diz respeito à minha avaliação sobre a minha capacidade em proporcionar experiências de aprendizagens significativas aos alunos, penso que foi bastante positiva. Penso que tanto os alunos do 11.º ano, como os alunos do 6.º ano, assim ainda como os alunos do 1.º Ciclo evoluíram bastante desde o início do ano lectivo, sendo que a grande maioria dos alunos atingiu os objectivos traçados inicialmente. Este era o meu grande objectivo, não só tornar os alunos mais competentes em concordância com os programas de educação física, mas também em realizar com sucesso as diferentes avaliações, adquirindo capacidades que não tinham ou que tinham sido mal adquiridas.

Neste momento considero que progredi enquanto professor e potencializei os aspectos referidos. Penso que sou um professor que procura organizar ao máximo a aula a leccionar e que acompanha sempre de perto a prática dos alunos. Um bom professor de Educação Física tem que assumir uma atitude

motivadora, consciente e positiva, explicando os conhecimentos aos alunos, fazendo-o de uma forma correcta e clara. Deverá também, dominar todos os aspectos inerentes às modalidades desportivas que lecciona. Em suma, o professor de Educação Física deverá tentar transmitir o “bichinho” do desporto aos seus alunos, para que estes venham, eventualmente, a praticar as mais variadas modalidades desportivas, mas desta feita fora do âmbito escolar.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Abrantes, P. A. (2002). *Avaliação das Aprendizagens no Ensino Básico*. Editorial do ME/DEB.
2. Bento, J. O. (1998). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Livros Horizonte. Lisboa.
3. Carvalho, L. (1994). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. Boletim SPEF. **10/11**: 135-151.
4. Cortesão, L. (2002). *Avaliação das Aprendizagens no Ensino Básico*. Editorial do ME/DEB.
5. Cortesão, L.; Torres, M. A. (1993). *Avaliação Pedagógica II, Mudança na Escola. Mudança na Avaliação*. 4.^a Edição. Porto Editora. Porto.
6. Direcção de Serviços de Formação da DGEBS (1993). *A Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico*. DGEBS/ME.
7. Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas: Ensino Básico 1º Ciclo*. 2.^a Edição. Editorial do ME.
8. Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2003). *Currículo Nacional do Ensino Básico: Competências essenciais*. 219-229. Editorial do ME.
9. Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (1998). *Programa de Educação Física do 2º ciclo do ensino básico: Plano de organização do ensino-aprendizagem*. II. Editorial do ME.

10. Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação (2001). *Programa de Educação Física do 3º ciclo do ensino básico (Reajustamento)*. Editorial do ME.
11. Esculcas, C.; Mota, J. (2005). Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. *Actividade física e práticas de lazer em adolescentes*. **5**: 69-76.
12. Fernandes, S.; Greenville, R. (2007). Avaliação da Aprendizagem na Educação Física Escolar. *Motrivivência*. **28**: 120-138.
13. Ferraz, M. et al. (1994). Avaliação criterial/Avaliação normativa. In D.Fernandes (Coord.), *Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem*. IIE. Lisboa.
14. Jacinto, J.; Carvalho, L.; Comédias, J.; Mira, J. (2001). *Programas de Educação Física do 10º, 11º e 12º anos*. Editorial do ME/DES.
15. Nóvoa, A. (1992). Formação de Professores e profissão docente. In A. Nóvoa (Ed), *Os professores e a sua formação*. 15-33. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
16. Núcleo de Exercício e Saúde (s/d). *Fitnessgram - Manual de Aplicação de Testes*. Faculdade Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
17. Peralta, M. H. (2002). Como avaliar competências?: Algumas considerações. In P. Abrantes e F. Araújo (Coords). *Reorganização Curricular do Ensino Básico - Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas*. 27-33. Editorial do ME/DEB. Lisboa.
18. Rosado, A.; Silva, C. (1999). *Conceitos Básicos de Avaliação das Aprendizagens*.

19. Rosado, A. (s/d), Planeamento da Educação Física: *Modelos de Leccionação*. Acedido em: 16 de Agosto de 2010, em: http://home.fmh.utl.pt/~arosado/Modelos20021_ficheiros/frame.htm

20. Rowntree, D. (1987). Assessing students. *How shall we know them?* 2nd Edition. Kogan Page. London.

ANEXOS

Anexo I

Caracterização das turmas

→ Identificação dos alunos do 6.º ano

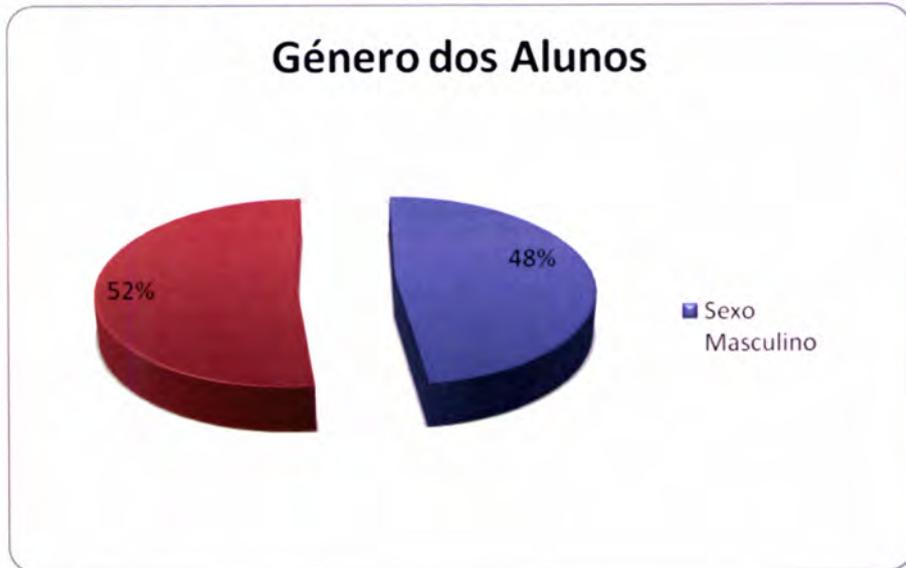


Gráfico 1: Género dos alunos.

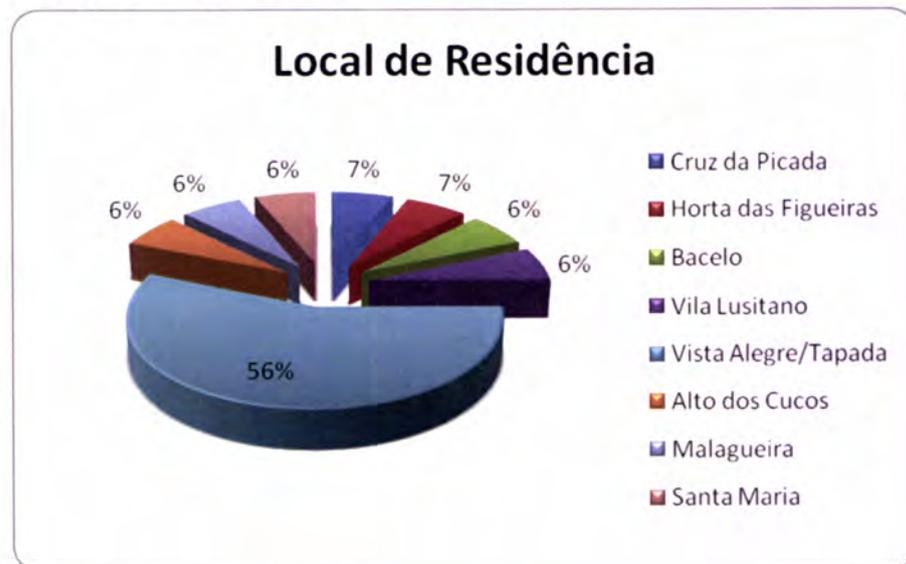


Gráfico 2: Local de residência.

Analisando o gráfico 1, é possível constatar que a maioria dos alunos (52%) é do sexo feminino, sendo os restantes 48% do total de alunos do sexo masculino. Através do gráfico 2 verifica-se que existem alunos de diversos

locais da zona de Évora, sendo mais representativo o bairro da Vista Alegre/Tapada (56%).

Agregado familiar

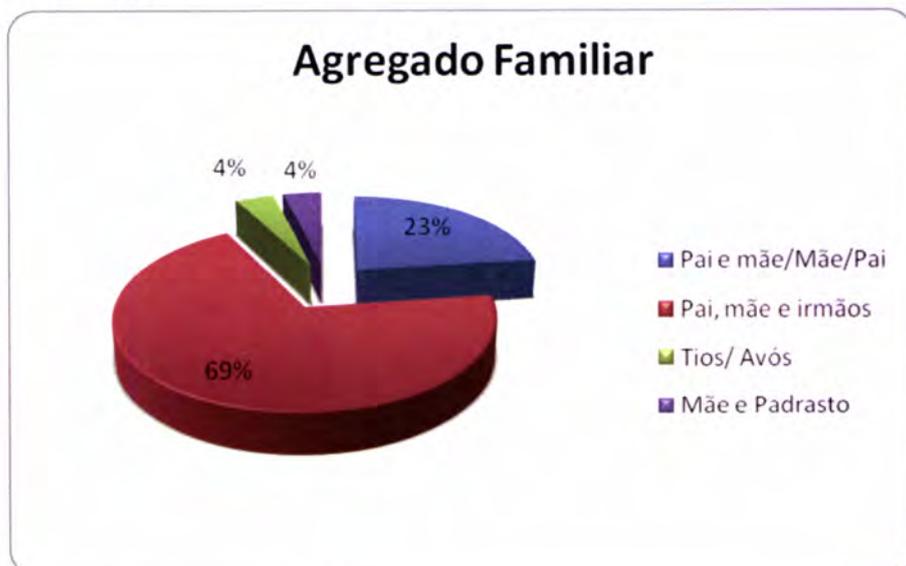


Gráfico 3: Agregado Familiar.

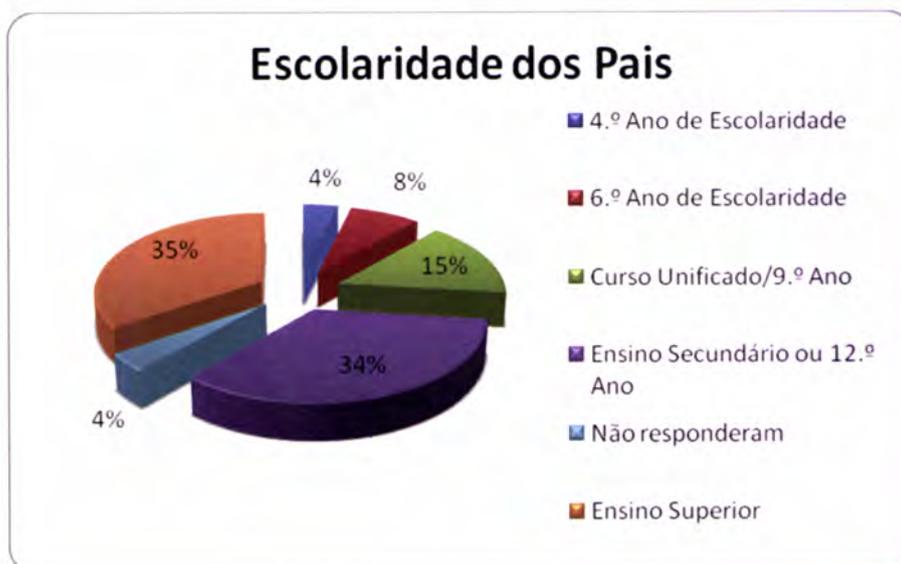


Gráfico 4: Escolaridade dos pais.

Com base no gráfico 3, é possível observar que o agregado familiar dos diversos alunos não varia muito, ainda que a grande maioria vivia com pai, mãe e irmãos (69%), vivendo 23% com pai e mãe, ou apenas um deles (pai ou mãe). Seguidamente vem os que vivem com tios ou avós (4%), juntamente

com os que vivem com a mãe e com o padrasto, o que também representa 4% da fatia total. Relativamente ao gráfico 4 verifica-se que grande parte dos pais dos alunos tem o ensino superior ou entre o 10.º Ano e 12.º Ano completo (69%). No pólo oposto estão os pais apenas com o 4.º Ano de Escolaridade (4%), o que revela que a maioria dos pais pôde prosseguir os estudos para além do 4.º Ano de Escolaridade.

Deslocações



Gráfico 5: Tempo gasto diariamente em percursos.



Gráfico 6: Como se deslocam?

No que se refere ao tempo gasto pelos alunos no percurso entre a sua casa e a escola (gráfico 5) vemos que a sua totalidade da turma (100%) vive relativamente perto da escola, uma vez que demoram menos de 30 minutos a fazer o percurso de ida e de regresso.

Quanto à forma como se deslocam (gráfico 6), mais de metade dos alunos (80%) fá-lo de automóvel, seguindo-se outra grande percentagem de alunos (17%) que o fazem a pé. As outras duas hipóteses que os alunos referiram como forma de se deslocarem até à escola, recolhem apenas 3% (de bicicleta).

As aulas



Gráfico 7: Aulas preferidas.

Através da análise do gráfico 7, observamos que as aulas preferidas pelos alunos são as aulas em que fazem trabalhos em grupo (36%), seguidas das aulas em que o professor deixa o aluno participar (29%) e as aulas em que se utilizam meios audiovisuais (23%). Por outro lado as aulas menos apelativas são aquelas em que os alunos expõem os temas (4%), e aquelas em que os alunos trabalham individualmente (0%). Restam ainda as aulas em que só o professor expõe a matéria (8%) este tipo de aulas está mais ou menos no

meio, ou seja, não são as aulas preferidas, mas também não são as que menos os cativam.

A escola



Gráfico 8: O que os alunos acham da escola.

Relativamente à escola (gráfico 8), na opinião dos alunos, esta é um local onde se trabalha e aprende (47%) e onde se adquirem novos conhecimentos (35%), são estas as opiniões com maior expressão por parte dos alunos embora 9% ache que este é o sítio onde se proporciona o convívio. Há ainda quem diga que a escola é um local onde se tem aulas (7%), e por fim 2% que a vêem como um local onde se é obrigado a estar.

Retenções

No que diz respeito a retenções, nesta turma houve um aluno que ficou retido no 1º. Ciclo.

Ano passado

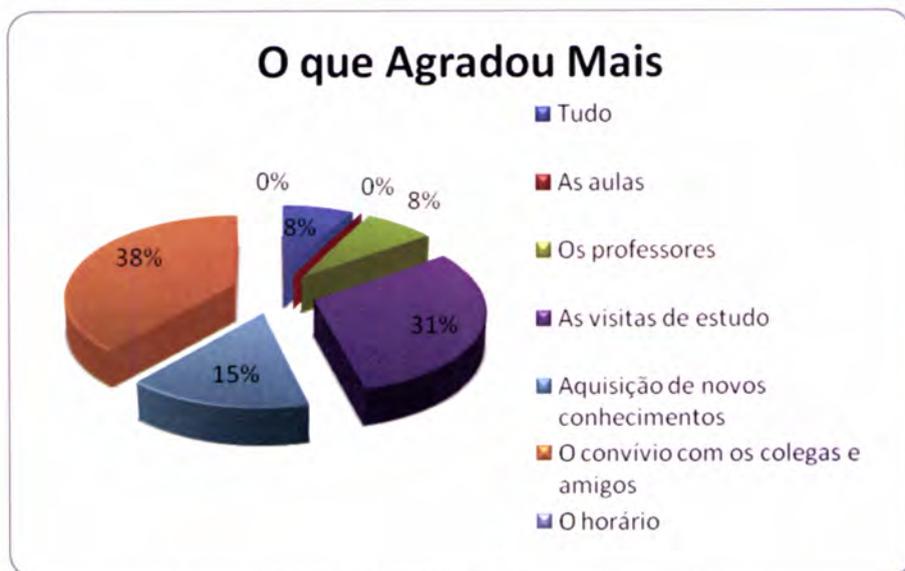


Gráfico 9: O que agradou mais aos alunos no ano passado.



Gráfico 10: O que agradou menos aos alunos no ano passado.

Tendo em conta a opinião expressa pelos alunos, aquilo que lhes agradou mais no ano lectivo anterior (gráfico 9) foi o convívio com os colegas e amigos

(38%), e as visitas de estudo (31%). Seguidamente vem a aquisição de novos conhecimentos com 15% dos votos. Os itens: professores e “tudo” recolheram 8% cada. Quanto ao gráfico 10, que reflecte aquilo que agradou menos aos alunos, destaca-se claramente o item “nada” (27%), seguido dos alunos sem educação (23%). O menos votado foi o item Testes, que recolheu apenas 8% da totalidade das votações.

As disciplinas



Gráfico 11: Disciplinas onde os alunos obtiveram melhores resultados.

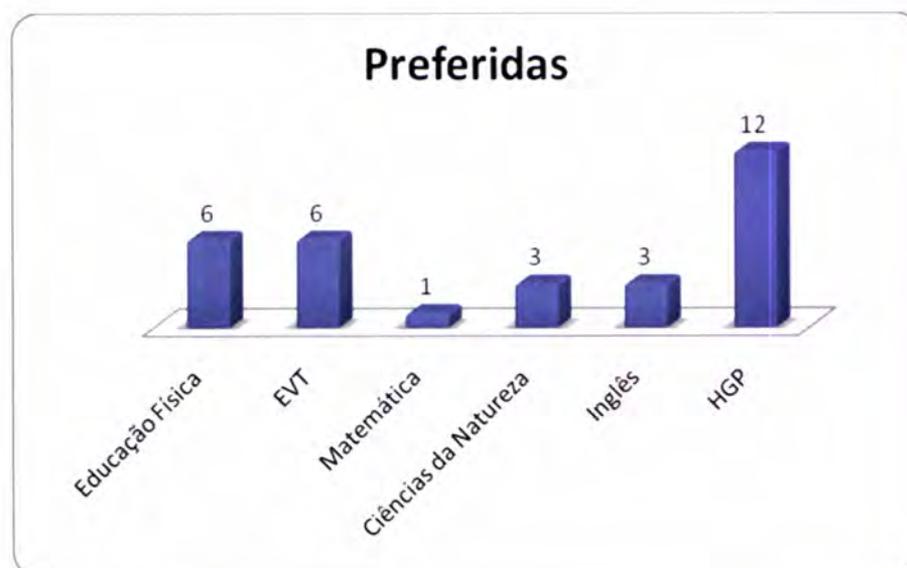


Gráfico 12: Disciplinas preferidas dos alunos.

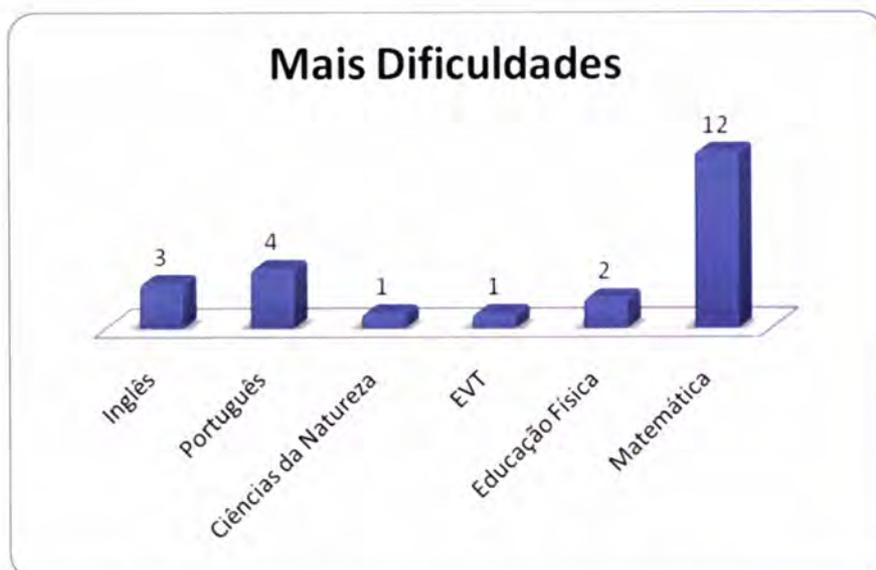


Gráfico 13: Disciplinas onde os alunos apresentaram mais dificuldades.

Analisando o gráfico 11 é possível ver que as disciplinas onde os alunos obtiveram melhores resultados foram HGP, Educação Musical, Ciências da Natureza e Inglês. No gráfico 12 vemos quais as disciplinas preferidas dos alunos, onde se destacam a HGP, a Educação Física e a EVT. No pólo oposto está a disciplina de Matemática, que apenas 1 aluno elegeu como sendo a sua preferida, sendo esta também a disciplina em que os alunos apresentam maiores dificuldades (gráfico 13).

Expectativas



Gráfico 14: Profissões que os alunos gostariam de ter.

Quanto às profissões que gostariam de ter, existe uma grande variedade de respostas, como seria de esperar devido à idade prematura dos alunos (gráfico 14). As que recolhem maior consenso são as de Futebolista com quatro votos e as de Dentista, Engenheiro e Veterinário com três votos cada.

Para terminar esta caracterização da turma, resta apenas referir que no que diz respeito às questões de saúde, estão detectados nesta turma 3 problemas, que são eles de ansiedade, bronquite asmática e alergias.

Passando de seguida à apresentação dos resultados obtidos na caracterização de turma do 11.º, uma turma do Ensino Secundário, da área de Humanidades, da Escola Secundária André de Gouveia, do ano lectivo 2009/2010. Esta turma era inicialmente constituída por 14 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 1 do sexo masculino, embora apenas 11 alunas tenham chegado ao fim do ano lectivo, tendo os restantes 3 anulado a matrícula e seguido outro rumo. A direcção de turma do 11.º ano esteve entregue ao professor da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

Os resultados obtidos na caracterização da turma serão apresentados de seguida em forma de gráficos:

→ **Género dos Alunos**



Gráfico 15: Género dos alunos

Analisando o gráfico 15 é possível constatar que a grande maioria dos alunos (93%) são do sexo feminino, cabendo ao sexo masculino apenas 7% do total de alunos existentes.

→ **Agregado familiar**

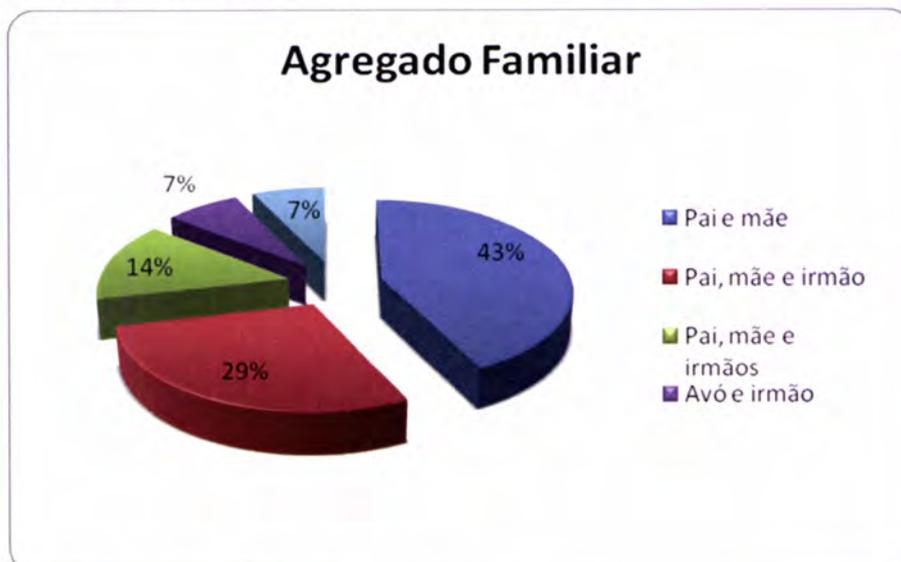


Gráfico 16: Agregado familiar dos alunos.



Gráfico 17: Profissões dos pais dos alunos.



Gráfico 18: Encarregados de educação dos alunos.

Tendo em conta os resultados apresentados no gráfico 16, podemos concluir que a maior percentagem de alunos da turma (43%) vive com o pai e com a mãe, seguindo-se os alunos que vivem com pai, mãe e irmão (29%).

Quanto ao gráfico 17, no referente à profissão dos pais, destacam-se as mães que são domésticas, sendo 4. No gráfico 18 é possível constatar que a maioria dos encarregados de educação são os pais, cabendo à figura da mãe a maior representatividade com 43% dos “votos”.

→ Retenções

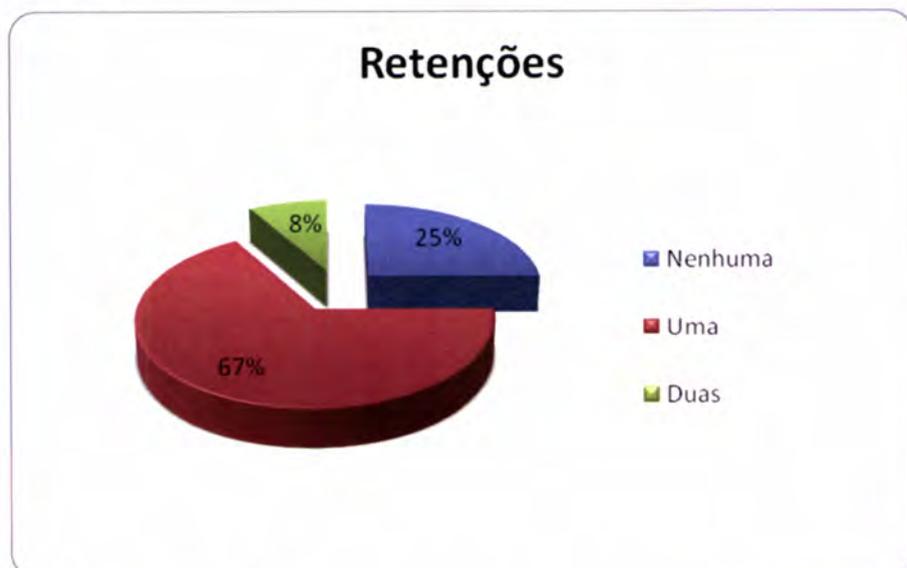


Gráfico 19: Retenções dos alunos.

No que diz respeito a retenções (gráfico 19), a grande maioria dos alunos já ficou retido por 1 vez (67%). Há ainda a referir que é maior a percentagem de alunos que nunca ficaram retidos (25%) do que a percentagem de alunos que ficou retido por 2 vezes (8%).

→ Ano passado

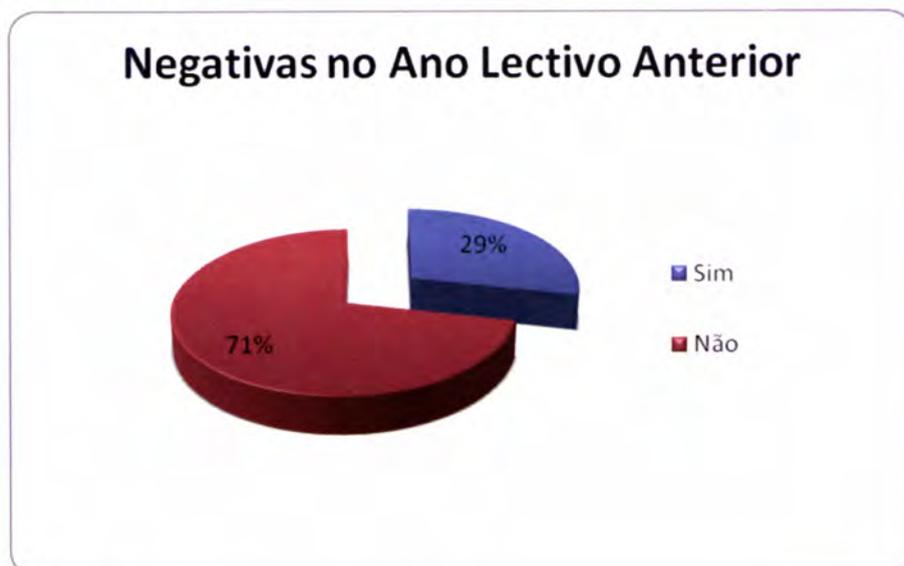


Gráfico 20: Negativas no ano lectivo anterior.

Tendo em conta o relato feito pelos alunos na resposta a esta questão (gráfico 20), a grande maioria dos alunos não teve negativas no ano passado (71%).

→ **Escola**



Gráfico 21: Hábito de estudo diário dos alunos.

Analisando o Gráfico 21 é possível ver que a maioria dos alunos (79%) não tem o hábito de estudar diariamente, ao contrário dos restantes 21% que afirmam ter esse hábito.

Há ainda a referir que em termos de perspectivas futuras relacionadas com os estudos, todos os alunos mostraram interesse em prosseguir-los até ao ensino superior.

→ **Actividades extra-escola**



Gráfico 22: Actividades complementares.

Relativamente a actividades complementares (gráfico 22), ou seja, actividades para além das curriculares, vemos que 57% dos alunos afirmaram ter actividades complementares, ao contrário dos restantes 43%.

Refeições

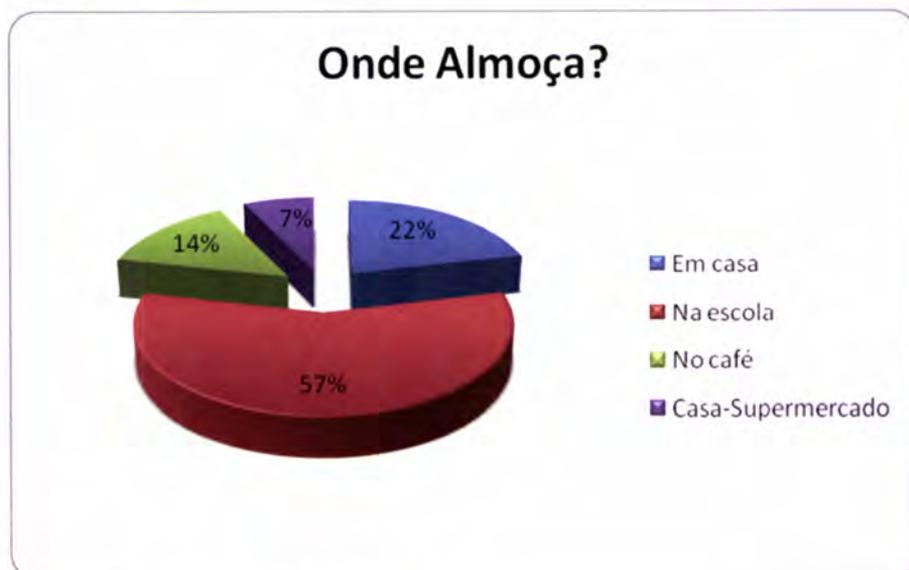


Gráfico 23: Onde almoçam os alunos?

Observando o gráfico 23, no concernente às refeições dos alunos, e para terminar esta caracterização de turma, segundo foi possível apurar, 57% almoça na escola, enquanto 22% almoça em casa. É importante referir ainda que os alunos destacaram o facto de, todos eles, tomarem o pequeno-almoço diariamente.

Anexo II

Plano Anual de Turma

Planeamento Anual 6º B

2º Período

Nº da Aula	Data (H)	Espaço	Matéria	Conteúdos
39/40	05-1-10 (90')	Sala	Aula Teórica;	Area de conhecimentos – Corpo Humano;
41	08-1-10 (45')	Sala	Aula Teórica;	Area de conhecimentos – Aptidão Física;
42/43	12-1-10 (90')	Piscina	Natação *;	Crol, costas e bruços;
44	15-1-10 (45')	Exterior	Corta-mato;	Corta-mato;
45/46	19-1-10 (90')	Sala	Teste escrito;	Teste de avaliação;
47	22-1-10 (45')	Sala	Correcção do teste escrito;	Entrega e correcção dos testes;
48/49	26-1-10 (90')	Piscina	Natação;	Crol, costas e bruços;
50	29-1-10 (45')	Interior	Ginástica no Solo;	Enrolamento à retaguarda e à frente, pino cabeça, pino, ponte e avião;
51/52	02-2-10 (90')	Sala	Badminton; Voleibol;	Pega e lob. Posição base, passe e manchete;
53	05-2-10 (45')	Exterior	Condição Física;	Resistência, abdominais, flexões de pernas e de braços, lombares;
54/55	09-2-10 (90')	Interior	Ginástica no Solo; Andebol;	Enrolamento à retaguarda e à frente, pino cabeça, pino. Leis (regra de apoios), tipos de passe e progressão em drible.
56	12-2-10 (45')	Interior	Futebol;	Passe, recepção, e condução de bola;
57	19-2-10 (45')	Exterior	Andebol;	Tipos de passe; progressão em drible; desmarcações.
58/59	23-2-10 (90')	Interior	Badminton; Voleibol;	Batimentos lob e clear, serviço curto e comprido; Passe, manchete e serviço por baixo (3metros).
60	26-2-10 (45')	Interior	Condição Física;	Resistência, abdominais, flexões de pernas e de braços, lombares;
61/62	02-3-10 (90')	Interior	Fitnessgram;	Fitnessgram;
63	05-3-10 (45')	Interior	Fitnessgram;	Fitnessgram;
64/65	09-3-10 (90')	Interior	Basquetebol; Futebol;	Tipos de passe, recepção, drible em progressão e lançamentos Passe, recepção, condução de bola, drible e remate;
66	12-3-10 (45')	Interior	Badminton; Voleibol;	Batimentos lob e clear, serviço curto e comprido; Passe, manchete e serviço por baixo (3metros).
67/68	16-3-10 (90')	Exterior	Ginástica no Solo; Andebol;	Enrolamento à retaguarda e à frente, pino cabeça, pino e roda. Tipos de passe, progressão em drible, desmarcação e remate
69	19-3-10 (45')	Interior	Ginástica de aparelhos;	Bogue - Salto ao eixo e entre mãos, mini-trampolim – salto em extensão, encarpado e ¼ pirueta.
70/71	23-3-10 (90')	Exterior	Futebol; Andebol	Passe, recepção, condução de bola, situação de jogo reduzido; Leis (invasão da área de baliza), remate em apoio e em salto;
72	26-3-10 (45')	Sala	Auto-Avaliação e Hetero-Avaliação	Auto-Avaliação e Hetero-Avaliação

*Nesta aula não nos foi possível deslocar às piscinas municipais devido às condições atmosféricas. Assim a aula consistiu no visionamento de um film

3º Período

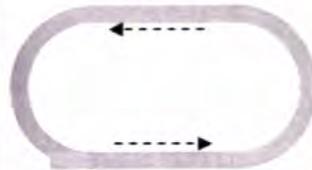
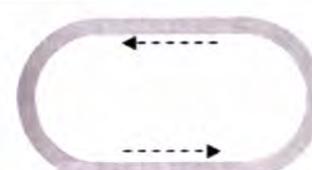
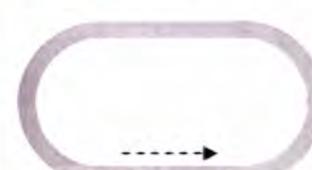
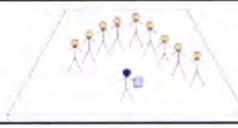
Nº da Aula	Data (H)	Espaço	Matéria	Conteúdos
73/74	13-4-10 (90')	Interior	Badminton; Condição Física	Situação de jogo utilizando o lob, o clear e o serviço; Resistência, abdominais, flexões de pernas e de braços, lombares
75	16-4-10 (45')	Interior	Ginástica no solo	Ligar os elementos treinados nas aulas anteriores através de 1/2 volta.
76/77	20-4-10 (90')	Exterior	Futebol; Basquetebol	Passe, recepção, condução de bola, drible, situação de jogo reduzido; Condução de bola em drible, tipos de passe, lançamento na passada
78	23-4-10 (45')	Interior	Rãguebi;	Leis de jogo, avançar no terreno, passe, jogo reduzido;
79/80	27-4-10 (90')	Interior	Voleibol; Andebol	Passe, manchete e serviço por baixo (3metros) Jogo reduzido; Remate em apoio, remate em salto, marcação H-H, Jogo reduzido.
81	30-4-10 (45')	Sala	Aula Teórica	Area de conhecimentos – Capacidades físicas
82/83	04-5-10 (90')	Exterior	Atletismo; Condição Física	Corrida de estafetas, lançamento do peso; Resistência, flexões de pernas
84	07-5-10 (45')	Interior	Voleibol	Passe, manchete e serviço por baixo (3metros) Jogo reduzido;
85/86	11-5-10 (90')	Interior	Ginástica de Aparelhos; Ginástica no Solo	Mini-trampolim – salto em extensão, encarpado e ¼ pirueta Ligar os elementos treinados nas aulas anteriores através de 1/2 volta.
87	14-5-10 (45')	Sala	Teste Teórico	Teste de avaliação.
88/89	25-5-10 (90')	Interior	Andebol; Voleibol;	Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo; Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo;
90	18-5-10 (90')	Interior	Fitnessgram	Fitnessgram
91/92	21-5-10 (45')	Interior	Fitnessgram	Fitnessgram
93	28-5-10 (45')	Sala	Condição Física	Resistência, flexões de pernas;
94/95	01-6-10 (90')	Interior	Badminton; Basquetebol;	Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo;
96	04-6-10 (45')	Exterior	Futebol;	Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo;
97/98	08-6-10 (90')	Interior	Futebol; Andebol	Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo;
99	11-6-10 (45')	Interior	Badminton;	Revisão dos conteúdos leccionados em situação de jogo;
100/101	15-6-10 (90')	Interior	Ginástica de Aparelhos; Ginástica no Solo	Revisão dos conteúdos leccionados através de uma sequência;
102	18-6-10 (45')	Interior	Auto-Avaliação e Hetero-Avaliação	Auto-Avaliação e Hetero-Avaliação

Legenda das Etapas: Amarelo – 2ª Etapa;
Vermelho – 3ª Etapa;
Azul – 4ª Etapa;

Anexo III

Plano de Aula

Professor: João Martins				
Ano/Turma: 11.º H1	Aula n.º:	Data: 19/03/10	Hora: 10:05 – 11:35	Tempo: 90'
Local: Exterior	N.º de Alunos: 12	Etapa: 2		
Materiais: 6 coletes, 4 sinalizadores e 1 bola de futebol.				
Conteúdos da sessão: Avaliação: Mega Km – 1 km e Mega Sprint – 40 metros				

T.T.	T.P.	Sequência de Tarefas	Esquema	CrITÉrios de Êxito	Material
5'	5'	<p>Parte Inicial</p> <p>➤ Introdução ao tema da aula e realização da chamada.</p>		<p>➤ Ouvir com atenção as informações transmitidas pelo professor.</p>	
10'	5'	<p>Aquecimento</p> <p>➤ <u>Corrida à volta do campo</u>, duas voltas em corrida contínua.</p>		<p>➤ Correr de forma contínua à volta do campo.</p>	
15'	5'	<p>➤ <u>Mobilização articular</u>.</p>			
35'	20'	<p>Parte Principal</p> <p>➤ <u>Mega Km</u>. Neste exercício os alunos percorrem a distância de 1 km em corrida contínua à volta do campo. Em seguida dão 1 ou 2 voltas ao campo a andar.</p>		<p>➤ Correr de forma contínua percorrendo 1 km no mínimo tempo possível.</p>	
50'	15'	<p><u>Mega Sprint</u>: cada aluno percorre a distância de 40 metros no menor tempo possível.</p>		<p>➤ Percorrer um percurso de 40 metros o mais rapidamente possível.</p>	
75'	25'	<p>Parte Principal – Futebol</p> <p>➤ <u>3º Exercício Específico</u>: jogo reduzido (5x5).</p>		<p>Jogo:</p> <p>➤ Cooperação constante com os colegas de equipa;</p> <p>➤ Desmarcações constantes de forma a dar linha de passe ao colega;</p> <p>Saber distinguir os momentos de jogo (defensivos e ofensivos).</p>	6 coletes, 4 sinalizadores e 1 bola de futebol.
80'	5'	<p>Parte Final</p> <p>➤ Retorno à calma com a realização de alguns alongamentos.</p>		<p>➤ Alongar bem, seguindo as indicações dadas pelo professor.</p>	
Total: 80'					

Anexo IV

Ficha de avaliação inicial – Total

6.º B		Basquetebol	Voleibol	Andebol	Futebol	Ginástico no Solo	Ginástico de Aparelhos	Badminton	Média do aluno
1		I	I	I	I+	I	I	NI	I
2		I	I-	I	I-	I-	I	I	I-
3		NI	I-	I-	I-	I-	I-	NI	I-
4		I	I-	I-	I+	I-	I-	I	I-
5		I-	I-	I	I-	I	I-	I	I-
6		I	I-	I	I	I	I-	NI	I-
7		I	I	I	I	I	I	I	I
8		I	I-	I	I+	I	I	I	I
10		I	I-	I	I-	I	I-	I	I
11		I	I	I	I+	NI	I	I	I
12		I-	NI	I-	I-	I-	I	NI	I-
13		I	I	I	I+	I-	I	I	I
14		NI	I-	I	I-	I-	I-	I-	I-
15		I-	NI	I-	I-	I+	I-	I-	I-
16		I-	NI	I-	I-	I-	I	I-	I-
17		I-	NI	I-	I-	I-	I	I-	I-
18		I	I-	I	I-	I-	I	I-	I-
19		I-	I-	I-	I-	I-	I	NI	I-
20		I-	I-	I	I	I-	I-	I	I-
21		I	I	I	I+	I-	I	I	I
22		I	I	I	I	I-	I	I-	I
23		I	I-	I-	I-	I	I-	I-	I-
24		I-	NI	I	I-	I-	I-	I-	I-
25		I	NI	NI	I-	I	I	NI	I-
26		I-	NI	I-	I-	I-	I-	I	I-
27		I	I-	I	I	A	I+	I-	I
Média da turma		I	I-	I	I-	I-	I	I-	I-

Legenda: F - Falta; NFA - Não faz aula; L - Lesão; NI - Não introdutório; I - Introdutório; E - Elementar

Anexo V

Ficha de Avaliação Formativa

Professor: João Martins			
Ano/Turma: 6º B	Aula n.º: 58/59	Data: 23/02/10	Hora: 10:05/11:35
Local: Interior	N.º de Alunos: 27	Etapa: 2	Tempo: 90'
Materiais: 10 sinalizadores, 13 raquetes, 13 coletes, 13 volantes e 13 bolas de voleibol.			
Conteúdos da sessão: Voleibol – Passe, manchete e serviço por baixo (3metros). Badminton – Batimentos lob e clear, serviço curto e comprido;			

<u>Nº</u>	<u>Pont/Assid.</u>	<u>Empenho</u>	<u>Aproveitamento</u>	<u>Comportamento</u>
1	A	4	4	3
2	P	4	4	4
3	A	3	3	4
4	A	3	3	3
5	P	3	3	4
6	P	4	4	4
7	P	5	5	4
8	A	4	4	4
10	A	4	3	3
11	P	4	4	3
12	P	4	3	4
13	P	5	5	5
14	P	3	3	3
15	P	4	3	5
16	P	4	3	4
17	P	4	3	4
18	P	4	3	5
19	P	4	4	4
20	P	3	3	3
21	A	4	4	3
22	A	4	4	3
23	P	4	3	4
24	P	4	4	4
25	P	3	3	3
26	A	3	3	3
27	P	5	5	5
28	P	3	3	3

Assiduidade e Pontualidade:

- P** - o aluno foi pontual.
- F**- o aluno faltou.
- A** - o aluno chegou atrasado.
- FM**- O aluno tem falta de material.
- L** – o aluno encontra-se lesionado.

Empenho:

- 1- O aluno não revelou mínimo interesse em participar activamente na aula.
- 2- O aluno revelou pouco empenhamento na realização das tarefas da aula.
- 3- O aluno interessou-se o suficiente por realizar as tarefas da aula.
- 4- O aluno empenhou-se de forma a conseguir evoluir na matéria abordada.
- 5- O aluno mostrou-se extremamente empenhado durante todas as tarefas propostas.

Aproveitamento:

- 1- O aluno não realizou os gestos técnicos abordados na aula.
- 2- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula com bastantes incorrecções.
- 3- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula, respeitando a maioria das suas componentes críticas.
- 4- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula sem incorrecções.
- 5- O aluno realizou os gestos técnicos abordados na aula sem incorrecções, sem demonstrar dificuldades nas suas execuções, pedindo o avanço para o nível seguinte.

Comportamento:

- 1- O aluno esteve constantemente desatento e desrespeita o professor e os colegas.
- 2- O aluno demonstrou-se desatento e apresenta comportamentos desviantes.
- 3- O aluno cumpriu as normas, apresentando por vezes comportamentos desviantes.
- 4- O aluno cumpriu as normas e não registou comportamentos desviantes.
- 5- O aluno cumpriu todas as normas, favorecendo um bom clima de aula.

Anexo VI

Ficha de Avaliação Sumativa

N.º	Área de Conhecimentos (Teste) - 20%	Aptidão Física (FitnessGram) - 10% (2% cada)					Actividades Físicas (Aulas Práticas) - 70%	Nota*
		Vaivém	Abdominais	Senta e Alcança	Flexões	Extensão do Tronco		
1	95	20	20	20	0	20	90	4
2	45	20	20	10	0	0	80	3
3	51	20	20	0	0	20	60	3
4	52	20	20	20	0	0	80	3
5	97	20	20	0	0	20	60	3
6	94	20	20	10	0	20	80	4
7	68	20	20	20	0	0	85	4
8	59	20	20	10	0	0	75	3
10	91	20	0	20	0	20	55	3
11	39	20	20	10	0	0	85	3
12	85	20	0	0	0	20	75	3
13	50	20	20	20	0	0	95	4
14	39	20	20	20	0	0	65	3
15	89	20	20	10	0	0	65	3
16	50	0	20	20	0	0	60	3
17	71	20	20	20	0	20	70	3
18	100	20	20	20	0	20	70	3
19	89	20	20	20	0	20	70	3
20	30	20	0	10	0	20	65	3
21	33	20	20	20	0	20	85	3
22	50	20	20	20	0	20	80	3
23	74	0	0	0	0	20	60	3
24	41	20	20	20	0	20	70	3
25	61	20	20	10	0	0	60	3
26	50	20	20	20	0	0	60	3
27	100	20	20	20	0	20	95	4

Anexo VII

Análise da Actividade “Peddy-paper”

Esta análise estatística irá basear-se nos questionários realizados no final da actividade, sendo uma análise cujo objectivo passa por aferir a opinião dos alunos em relação à actividade. Para os dados desta amostra serem significativos, seriam necessários pelo menos 25 alunos, ou seja, sensivelmente cerca de 30% do total de participantes.



Gráfico 24: Classificação da Actividade.

De acordo com a análise do gráfico 24, 83% da amostra quantificou de nota 5 a actividade, o que significa que os alunos gostaram bastante desta.



Gráfico 25: Classificação do Horário.

De acordo com a análise do gráfico 25, 50% da amostra achou o horário ideal dando nota 5, e cerca de 17% da amostra avaliou com uma nota inferior, o que pode significar que a actividade poderia ter sido realizada a outra hora, uma vez que se registaram elevadas temperaturas no decorrer da prova.



Gráfico 26: Classificação da Organização.

A análise do gráfico 26 indica que 84% da amostra gostou da organização da actividade, dando por isso nota 5.



Gráfico 27: Classificação da Qualidade dos Professores.

De acordo com a análise do gráfico 4, a totalidade (100%) da amostra gostou bastante da qualidade dos instrutores convidados para a actividade, dando por isso apenas as notas entre 4 e 5.



Gráfico 28: Classificação da Satisfação na Actividade.

De acordo com a análise do gráfico 28, 88% da amostra ficou muito satisfeita com a actividade, atribuindo nota 5, existindo apenas 3% a ficarem apenas satisfeitos.



Gráfico 29: Atividades Preferidas.

Concluí através da análise do gráfico 29 que a actividade preferida da amostra foi a Corrida de Sacos com 50% das preferências, seguindo-se o jogo das Latas com 32%, sobrando apenas 18% para Todas as outras.

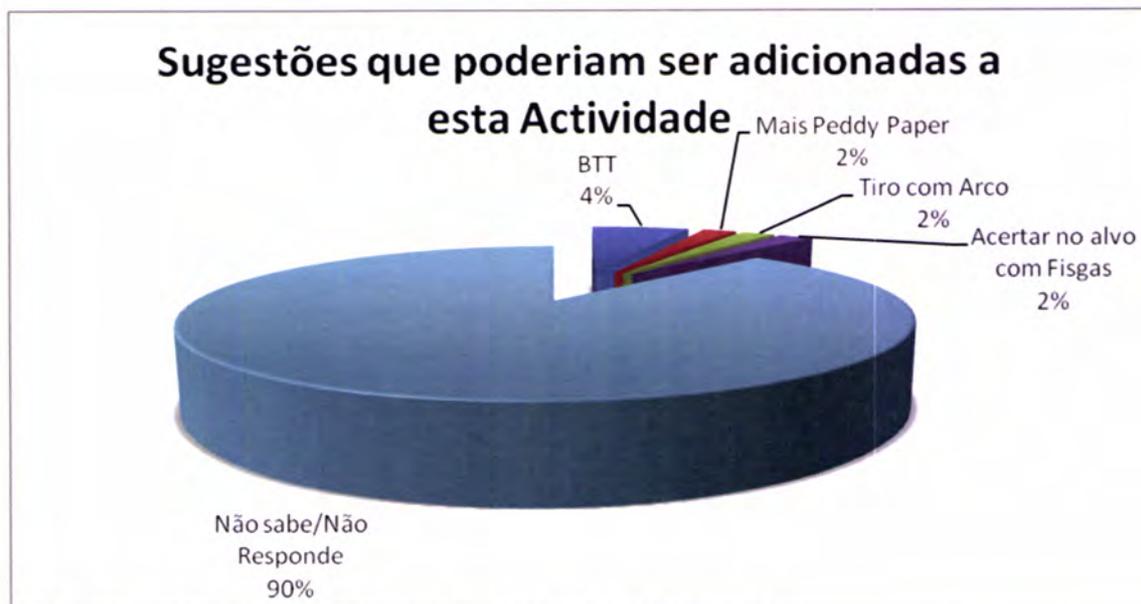


Gráfico 30: Sugestões que poderiam ser adicionadas a esta Actividade.

Ao analisar o gráfico 30 pode-se verificar que 90% da amostra não sabe ou não responde a novas sugestões para a actividade, o que pode significar que

gostaram da forma como esta decorreu. Apenas 10% da amostra deu como sugestão outras modalidades que poderiam ter sido inseridas na actividade, de realçar o BTT, com 4% das sugestões.



Gráfico 31: Actividades a ser realizadas futuramente.

Ao analisar o gráfico 31 verifiquei que existem várias actividades propostas pela amostra, para serem realizadas no futuro pelo Grupo de Educação Física, nomeadamente o BTT com 25% das respostas, sendo a actividade mais votada. Seguindo-se também o PaintBall com 20% das respostas, a qual poderá ser uma actividade a realizar, por fim 18% da amostra sugeriu ainda que deveriam ser feitas mais actividades iguais a esta.